

CIBELIH HESPANHOL TORRES

**MULHERES DO BUIEIÉ: HISTÓRIAS DE
VIDA DE UMA COMUNIDADE NEGRA NA
ZONA DA MATA MINEIRA**

Viçosa - MG
Departamento de Comunicação Social / Jornalismo da UFV
2014

CIBELIH HESPANHOL TORRES

MULHERES DO BUIEIÉ: HISTÓRIAS DE VIDA DE UMA COMUNIDADE NEGRA NA ZONA DA MATA MINEIRA

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social / Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Ana Carolina Beer Figueira Simas

Viçosa - MG
Departamento de Comunicação Social / Jornalismo da UFV
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Mulheres do Buieí: histórias de vida de uma comunidade negra na Zona da Mata Mineira*, de autoria da estudante Cibelih Hespagnol Torres, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Ana Carolina Beer Figueira Simas - Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Ms. Laene Mucci Daniel
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Ms. Mariana Lopes Bretas
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 13 de fevereiro de 2014

Agradeço

*à divina força oculta e poderosa, que nos guia a todos,
e me guiou durante o trabalho com a gana necessária, encontros e inspirações;*

aos amigos, todos – que estão longe ou perto, mas em especial:

Mariel, irmã querida e crítica oficial,

Bruno, companheiro das espaiçadas das quais também preciso,

Jaque, por toda a disponibilidade, carinho e alto astral;

à professora Ana Carolina, que me orientou neste trabalho

com tanta tranquilidade e confiança;

à minha mãe Sandra, pela força e o amor que tanto admiro e

que também são de uma Mulher digna de nota;

ao meu pai Ênio, por amar junto comigo a vida das pessoas simples

e ser sempre esse sereno apoio por trás dos seus olhinhos azuis.

E é claro:

à Dona Zabé, Cidinha e Jéssica

que viveram, aguentaram, sorriram, choraram,

que são a bela força feita da fé na vida

e que aqui são as Mulheres do Buieié.

RESUMO

O livro-reportagem *Mulheres do Buieieí: histórias de vida de uma comunidade negra na Zona da Mata mineira* foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O livro reúne histórias de vida de três mulheres da comunidade do Buieieí, bairro rural de Viçosa, constituído por moradores descendentes de escravos. Sua elaboração se deu pelo viés do jornalismo literário, trazendo acontecimentos e informações através de uma escrita sensível. Para ilustrá-lo, foram produzidas pela autora artes em aquarelas, retratando momentos das vidas das entrevistadas. O processo de sua produção é no presente memorial desenvolvido, levando em conta o conteúdo teórico que o trabalho despertou, referente às histórias de vida dentro do jornalismo literário, e à situação da mulher e do negro na sociedade brasileira; e o relatório técnico, sobre a experiência vivida desde a idealização do projeto experimental até sua produção e pós-produção.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo literário; Histórias de Vida; Causa negra; Buieieí.

ABSTRACT

The book-report *Mulheres do Buieieí: histórias de vida de uma comunidade negra na Zona da Mata mineira* was an experimental project produced as the final work for the Social Communication Course – Journalism, of the Federal University of Viçosa. The book tells the life stories of three women in the Buieieí community, a rural district of Viçosa, whose residents are descendants of slaves. It's construction was made according to the Literary Journalism process, bringing events and informations through a sensitive writing. To illustrate it, arts in watercolors were produced by the author, illustrating moments of the interviewees's lifes. The process of the book's production is developed in this document, taking into account the theoretical content that the work awakens, referring to life stories in literary journalism, and the current situation of women and black people in Brazilian society; and the technical report about the experience, from the project's idealization to its production and post-production.

KEY-WORDS

Literary Journalism; Life stories; Black people cause; Buieieí.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 07 |
| | |
| CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 1.1 Etnia negra no Brasil..... | 10 |
| 1. 1. 1 Quilombos no Brasil e em Minas Gerais..... | 11 |
| 1. 2 O Buieieé..... | 13 |
| 1.3 A procura pelo olhar da mulher..... | 14 |
| 1.4 Jornalismo literário e o formato do livro reportagem..... | 16 |
| | |
| CAPÍTULO 2 – RELATÓRIO TÉCNICO | 19 |
| 2.1 Pré-produção..... | 19 |
| 2.2 Produção..... | 20 |
| 2.2.1 Diário..... | 20 |
| 2.2.2 Escrita do livro..... | 24 |
| 2.2.3 Ilustrações..... | 25 |
| 2.3 Pós-produção..... | 26 |
| 2.3.1 Descrição do produto..... | 26 |
| 2.4 Orçamento, Materiais utilizados e Cronograma..... | 27 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 30 |
| | |
| ANEXOS | 32 |

INTRODUÇÃO

O Buiéié me foi apresentado, inicialmente, como uma comunidade remanescente de quilombo que sobrevive, até hoje, através dos descendentes dos primeiros escravos que se organizaram no bairro rural, distante do centro da cidade de Viçosa. Porém, em minhas pesquisas, constatei ser pouco concreta a afirmação categórica de que o Buieié é um remanescente de quilombo. As duas principais versões que me foram contadas sobre sua fundação traziam, em si, discrepâncias quanto aos personagens e acontecimentos envolvidos na gênese da comunidade, mas um fato em comum: as terras do Buieié teriam sido doadas de fazendeiros aos escravos que em suas propriedades trabalhavam, vendo-se findo o sistema de escravidão. Não seriam, portanto, em termos formais, terras caracterizadas como um quilombo, por não estarem ligadas a um processo de fuga dos escravos e conseqüente formação de uma comunidade de resistência. Porém, alguns pesquisadores do tema, como a Comissão Pró Índio de São Paulo, consideram o processo de doação de terras como também caracterizador de um processo de formação de quilombo. Por não querer entrar numa discussão de fundo teórico sobre este fato, que remete mais aos campos da História e que aqui não caberia, optei por chamar o Buieié de “comunidade negra”. Afinal, uma afirmação pode ser feita: os moradores da comunidade são, inegavelmente, descendentes de escravos – ainda que, possivelmente, não de escravos quilombolas. Essa descendência de trabalhadores do sistema de escravidão caracteriza a forma como a comunidade é vista até hoje pela cidade de Viçosa, relacionando-se ainda à própria maneira de seus moradores se afirmarem em sua própria posição frente à sociedade.

Afinal de contas, ser afrodescendente no Brasil ainda é estar em situação de inferioridade. Basta lembrar que o trabalhador negro ganha em média 36% a menos que um trabalhador branco (por ainda ocupar cargos inferiores de trabalho, resultado da disparidade socioeconômica herdada do sistema de escravidão, e ainda não completamente superada). A violência contra negros também é recorrente: no Brasil, um negro tem 3,7% mais chance de ser assassinado do que um branco, e no total correspondem a 70% das vítimas de assassinato no país. Pode-se dizer que um “racismo velado” ocupa a lógica do mercado midiático (sendo escassa a representação de negros nos meios de comunicação), da atuação da Polícia Militar nas periferias (de cada três pessoas mortas pela PM, duas são negras), e em diversos setores

da sociedade, contribuindo para um estereótipo em geral degradante ou, no mínimo, pouco respeitoso da pessoa negra.

Por trazer histórias de vida de mulheres da comunidade, o trabalho também remete à questão da situação da mulher atualmente. E neste caso, apesar de avanços, a desigualdade também se sustenta: ocupando os mesmos cargos de trabalho, ganham 28% a menos que os homens. E ainda vivem em situação inferiorizada em relação a eles. A Lei Maria da Penha reconhece a situação de violência doméstica feminina, mas na prática o feminicídio (homicídio praticado por homens contra mulheres, geralmente dentro de relações amorosas nas quais há o sentido de posse do outro) não diminuiu com sua implementação. Hoje, uma mulher é morta a cada hora e meia no Brasil, totalizando 15 mulheres assassinadas a cada dia. E vigora a falta de respeito com o sexo feminino: apenas no ano de 2012, 50 mil mulheres foram violentadas sexualmente no país – devendo-se levar em conta que grande parte das mulheres violentadas não registra a queixa por medo do agressor e, portanto, o índice de violência sexual é ainda maior que o oficialmente registrado.

Além desta falta de inserção plenamente digna no meio social, mulheres e negros vivem em situação problemática no que se refere às suas representatividades no imaginário popular. Isto porque remetem a grupos sociais tidos como alteridade, que, quando representados pela mídia convencional, repetem estereótipos que nada contribuem para a compreensão do universo da cultura afro-brasileira e/ou feminina – originando daí preconceitos que contribuem para a manutenção de uma cultura machista, excludente e racista na sociedade brasileira.

O livro-reportagem *Mulheres do Buieie* tem o intuito de resgatar e comunicar histórias de vida de mulheres negras, da comunidade de descendentes de escravos, visando contribuir para a compreensão de seus universos. Trata-se, portanto, de um trabalho jornalístico dedicado à construção de narrativas sobre a alteridade – ou seja, sobre o “outro”, retratando-o não por meio de estereótipos, mas lançando-se à sua compreensão por meio de histórias de vida. A principal motivação para tanto é acreditar num jornalismo capaz de acolher e compreender as diferenças sociais, raciais, de credo ou de gênero, contribuindo para uma sociedade democrática na qual é fundamentalmente necessário o pluralismo cultural. O formato de livro reportagem e a escrita de cunho jornalístico-literário foram escolhidos devido à sua maior liberdade linguística e profundidade narrativa, através das quais torna-se mais

fácil aproximar ao leitor da construção sensível sobre o cotidiano, a visão de mundo, as lembranças e opiniões das entrevistadas.

Este trabalho se dedicou, portanto, ao conhecimento e contato com a comunidade do Buieié, localizada em Viçosa, Minas Gerais. Lá foram realizadas atividades de campo, que constituíram no encontro com três mulheres de gerações distintas – uma jovem de 22 anos, uma adulta de 49 e uma idosa de 80, cujas entrevistas serviram à tessitura de um livro reportagem que mesclou suas histórias de vida com a própria história da comunidade, de seu passado histórico até panoramas presentes. A comunidade do Buieié foi escolhida devido à maior facilidade de acesso, sendo a aproximação com os moradores um fator necessário para a construção de um trabalho mais aprofundado.

No presente memorial, serão abordados com maior aprofundamento teórico os temas levantados durante a construção do livro reportagem *Mulheres do Buieié*, sendo estes: breve histórico da etnia negra no Brasil; caracterização da comunidade do Buieié, onde se deu o trabalho do livro reportagem; problematização sobre a procura pelo olhar da mulher na narrativa jornalística; contextualização sobre jornalismo literário e reportagem de perfil. Segue-se ainda um relatório técnico sobre as atividades de campo realizadas na comunidade, em que foi possível experimentar as ideias norteadoras do que compreendo como um jornalismo mais humano, compreensivo e contemplador de culturas e histórias de vida – que tanto tem a contribuir para a sociedade, e para cada um de nós.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ETNIA NEGRA NO BRASIL

A etnia negra, hoje tão presente no Brasil, veio trazida à força através dos primeiros africanos que no país chegaram, na condição de escravos no século XV, quando se firmavam as primeiras relações econômicas portuguesas na África. As formas iniciais de escravização decorriam de guerras entre os próprios estados africanos, disputas políticas, raptos de mulheres, e até mesmo da condição de pobreza e fome que fazia com que alguns africanos vendessem a si mesmos. Mas o início de processo escravocrata atinge sua verdadeira explosão no século XVII, quando os portugueses decidem de fato pela mão de obra escrava e lançam-se às terras africanas à sua procura – é então que o povo africano começa a conhecer o massacre ao qual serão submetidas as suas etnias nos próximos séculos de “progresso” e “civilização” modernos. Segundo Regiane Augusto de Mattos, autora do livro *História e cultura afro-brasileira*:

(...) o aumento da demanda ocorreu em virtude da expansão das propriedades agrícolas na América e da tecnologia militar fornecida pelos europeus, elementos que proporcionaram o crescimento da oferta de escravos e acarretaram uma mudança na estrutura da escravidão na África. Ela era caracterizada como uma forma de dependência pessoal e tornou-se uma instituição fundamental para a economia, produzindo a principal mercadoria do comércio internacional. (MATTOS, 2011, p. 65)

Assim, o comércio escravocrata se consolidou como atividade econômica da época. Os africanos capturados eram trazidos para o Brasil em embarcações marítimas próprias para isso, sujeitos a condições precárias de saúde, higiene e alimentação durante toda a viagem, que durava em média de dois a três meses. O livro *Uma história do negro no Brasil* ressalta o processo da vinda dos africanos para o Brasil e sua inegável marca para a sociedade brasileira:

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 39).

Uma vez em território brasileiro, os escravos africanos eram divididos entre trabalhadores domésticos, que se dedicariam aos ofícios da casa dos seus proprietários, e “de fora”, como soldados, agricultores, mestres de ofícios. De acordo com a principal atividade econômica que caracterizou cada época histórica, eram os escravos a mão trabalhadora em canas de açúcar, minas de ouro, fazendas de café – fazendo de seu esforço o progresso econômico do Brasil. E mesmo após a abolição da escravatura, em 1888, a desigualdade entre negros e brancos persistiu, como sustenta Darcy Ribeiro: “a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional” (RIBEIRO, 2006, p. 202.). Ainda nas palavras do antropólogo, assim se caracteriza a desigualdade social herdada destes tempos:

Examinando a carreira do negro no Brasil se verifica que, introduzido como escravo, ele foi desde o primeiro momento chamado à execução das tarefas mais duras, como mão de obra fundamental de todos os setores produtivos (...) Ascendendo à condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via jungido a novas formas de exploração que, embora melhores que a escravidão, só lhe permitiam integrar-se na sociedade e no mundo cultural, que se tornaram seus, na condição de um sub proletariado compelido ao exercício de seu antigo papel, que continuava a sendo principalmente o de animal de serviço. (RIBEIRO, 2006, p. 213).

1.1.1. QUILOMBOS NO BRASIL E EM MINAS GERAIS

Como já dito na introdução deste artigo, não se pode afirmar de forma veemente que o Buieie é um remanescente de quilombo, uma vez que as versões sobre sua fundação não condizem com a definição recorrente de uma terra quilombola – geralmente caracterizada por um processo de fuga. Apesar disso, esta interpretação pode variar de acordo com a visão de cada pesquisador ou historiador sobre o assunto. De qualquer modo, por ser muito constante a referência ao local como um remanescente de quilombo, cabe neste referencial teórico uma breve explicação sobre estes grupos. Os remanescentes de quilombos brasileiros são hoje 3.524 comunidades espalhadas por 24 estados. Herança da resistência contra o regime escravocrata, eles são hoje considerados patrimônios nacionais.

Os quilombos, ou mocambos, eram comunidades independentes erguidas por escravos fugidos por volta do século XVII, como forma de organização de uma resistência ao regime escravocrata, uma vez que “fugir do senhor e se juntar a outros rebeldes foi uma estratégia de luta desde que os primeiros tumbeiros aportaram na costa brasileira até as vésperas da abolição” (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 118). Apesar de relativamente distantes da

sociedade urbana, no intuito de preservar e defender seus moradores, os quilombos se caracterizavam também por manter relações com outros grupos sociais, como indígenas e pequenos comerciantes – com os quais mantinham por vezes uma comercialização clandestina da produtividade agrícola.

A intensa produção aurífera do século XVIII, sobretudo em Minas Gerais, impulsionou um grande fluxo de mão-de-obra escrava para a região das minas. Cerca de 500 mil escravos trabalharam durante o apogeu da mineração, entre os anos de 1700 e 1850, representando 30% da população. Em contrapartida, a formação de resistência quilombola também se desenvolveu durante esta época. A Comissão Pró Índio de São Paulo, em seu site oficial, descreve a formação dos primeiros quilombos mineiros (considerando, dentre suas formas de origem, a doação de terras de fazendeiros a escravos, como é o caso da comunidade do Buieie – que, de acordo com esta interpretação, poderia ser vista como uma terra quilombola):

Foi contra o cativo e pela liberdade que os negros levados para Minas Gerais lutaram. Por meio de diferentes formas de resistência, os negros conquistaram seu espaço em terras mineiras. A fuga, a ocupação de áreas não povoadas após a abolição ou mesmo o recebimento de glebas de terra de seus (antigos) proprietários por doação ou herança foram as formas de conquista e consolidação dos territórios negros em Minas Gerais. Contudo, no Brasil contemporâneo, essas terras, juntamente com sua história, estão ameaçadas. (CALDEIRA, 2007).

Hoje, cerca de 400 comunidades quilombolas mineiras resistiram ao passar do tempo e ainda se mantêm, em mais de 150 cidades do estado. A maior parte localiza-se no norte e nordeste de Minas Gerais, e são essencialmente rurais. A Federação N'golo das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais existe desde 2004, e representou um importante instrumento na conquista do direito à terra pelos moradores de quilombos. A questão de posse da terra por parte dos quilombolas é defendida na Constituição de 1988, mas ainda representa a luta mais urgente pela legítima consolidação dos direitos quilombolas em Minas Gerais.

1.2. O BUIEIE

Como constantemente sublinhado no presente memorial, a possibilidade de definição do Buieie como um remanescente de quilombo irá depender da interpretação feita sobre o

caso específico da comunidade. Aqui, trago duas versões que encontrei sobre sua fundação. Segundo a versão presente no artigo *Todo mundo conhece a gente agora – cultura e identidade de jovens rurais em Minas Gerais*, a comunidade do Buieieé teria sido erguida através da doação de terras dos fazendeiros da região aos trabalhadores escravos. Nhanhá Paraíso seria o nome da proprietária de uma fazenda de engenho de açúcar localizada no Bairro Viroleira, em Viçosa, Minas Gerais, por volta do século XIX. Sua produção de milho e café serviria como abastecimento para a região das minas. Com o declínio da escravidão brasileira, Nhanhá teria repassado suas terras, há mais de século, para escravos libertos que viviam nos arredores da propriedade. Os escravos se apropriaram do território e ergueram lá a sua comunidade. A partir daí, formou-se o Buieieé, um espaço que, apesar de fisicamente o mesmo, passou a significar “um novo processo de construção das relações pessoais, das relações de trabalho e das relações com a natureza”. (MAGNO; DOULA; PINTO, 2010, p. 5)

Outra versão sobre a fundação da comunidade também me foi apresentada, por Cidinha, uma das entrevistadas do livro *Mulheres do Buieieé*. Segundo ela, as terras da região pertenciam originalmente a donos de antigas fazendas, e estes as ofereceram, como recompensa, às mulheres trabalhadoras, que com paciência e cuidado realizavam o trabalho de parteira em suas casas, por vezes passando meses na dedicação deste ofício. Uma destas mulheres seria, inclusive, sua bisavó, que viveu até os cem anos. Aos poucos, ela e outras trabalhadoras teriam juntado estes pedaços de terra até se formar a comunidade, assim erguida de mãos femininas.

O Buieieé localiza-se a 10 km do centro de Viçosa, próximo ao bairro rural Viroleira. É considerado um dos bairros mais pobres da cidade: não possui escola, posto de saúde, luz elétrica pública, água encanada, esgoto (cerca de 80% dos moradores jogam o esgoto num rio próximo à comunidade e os outros 20% depositam-no em fossas) e coleta de lixo (sendo este queimado pelos moradores). A renda das famílias corresponde, em média, a um salário mínimo e vem, principalmente, da produção agrícola e da prestação de serviços – dentro da comunidade ou na cidade de Viçosa.

Hoje existem no Buieieé cerca de 60 casas, segundo artigos que consultei durante pesquisas, apesar de seus moradores me dizerem que este número chega a trezentas. Inicialmente, as casas foram construídas de pau a pique, mas hoje são, em sua maioria, de alvenaria. Seus moradores são por volta de 300 pessoas, sendo uma população majoritariamente negra. Um importante hábito afro-brasileiro é preservado na comunidade: a

confeção de tranças de cabelo, feitas por mulheres, cujo conhecimento é transmitido das mais velhas para as mais novas.

1.3. A PROCURA PELO OLHAR DA MULHER

O livro-reportagem *Mulheres do Buieíé* pauta-se por histórias de vida de mulheres, e a motivação para tanto é considerar ainda pouco desenvolvido o leque de conteúdos midiáticos que contemplem o universo feminino. Hoje, pode-se dizer que existe certo estereótipo ao se tratar da representação das questões femininas, endossado por revistas dedicadas a este público, segundo as quais a vida da mulher parece resumida a moda, beleza e carreira de sucesso. Como parte necessária à construção de uma sociedade acolhedora da diversidade de gêneros, torna-se importante o desenvolvimento de representações que contemplem o olhar da mulher sobre si mesma e o sobre o mundo que a cerca. A representação da mulher deve ser tratada como a recuperação de sua expressão, historicamente oprimida pela sociedade do patriarcado, como pontua Pinkóla Estes, psicanalista junguiana:

As questões da alma feminina não podem ser tratadas tentando-se esculpi-la de uma forma mais adequada a uma cultura inconsciente, nem é possível dobra-la até que tenha um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do consciente. Não. Foi isso o que já provocou a transformação de milhões de mulheres, que começaram como forças poderosas e naturais, em párias na sua própria cultura. Na verdade, a meta deve ser a recuperação e o resgate da bela forma psíquica natural da mulher. (ESTÉS, 1994, p. 19)

Desta forma, pautar-se pela expressão do olhar da mulher é procurar mais uma vez dar voz a quem se encontra à margem das representações midiáticas e, portanto, das produções de sentido na sociedade. Em seu livro *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*, Heloisa Buarque de Hollanda cita Edward Said, autor de *Orientalismo*, para quem é um verdadeiro exercício de alteridade os estudos que

promovem um deslocamento radical de perspectiva ao assumirem como ponto de partida de suas análises o direito dos grupos marginalizados de falar e representar-se nos domínios políticos e intelectuais que normalmente os excluem, usurpam suas funções de significação e representação e falseiam suas realidades históricas. (HOLLANDA, 1994, p. 8).

É importante destacar que qualquer representação da mulher e da feminilidade, apesar de se demonstrar como natural, sempre é uma construção – ou seja, alia-se a um imperativo social condicionante, mantendo-o. Portanto, contribuir para a construção de narrativas que vão além dele, é contribuir para o questionamento de um *status quo* muito presente no dia-a-dia das mulheres. Como bem pontuado no livro *Real & Imagined Woman: gender, culture, and post colonialism*, de Rajeswari Sunder Rajan:

Se nós reconhecemos (a) que a feminilidade é construída; (b) que os termos de tal construção devem ser entendidos pelo viés dos diferentes modos de ideologia dominante (o patriarcado, o colonialismo, o capitalismo); e (c) que, portanto, o que está em jogo são políticas de controle às quais este sistema de representação serve; então o dever da crítica feminista torna-se o que Jacqueline Rose descreveu como ‘crítica do discurso masculino’, nascida de ‘uma radical desconstrução da representação que alia a si mesma com uma crítica semiótica do signo’. O que é aqui exigido é um alerta ao processo político pelo qual tal representação torna-se naturalizada e, finalmente, coercitiva na estruturação da auto-representação das mulheres. (RAJAN, 2006, p. 230, tradução nossa).

A mulher negra vive situação de dupla marginalidade, carregando em sua cor de pele o histórico de discriminação vivido pelos afro-brasileiros; e em sua condição de gênero o legado do patriarcado. No campo da Comunicação Social, o tratamento destinado pela mídia convencional às mulheres, sobretudo às negras, serve de certa forma à legitimação desta marginalidade opressora, ao repetir estereótipos degradantes. No livro *Reconstructing womanhood, reconstructing feminism: writings on black women*, de Delia Jarrett-Maucauley, é exemplificada a forma padrão de representação da mulher negra na mídia convencional, não apenas brasileira: “ela parece ser muito mais velha do que realmente é; está praticamente nua, seus seios caídos e murchos estão muito expostos; existem moscas zumbindo ao redor do rosto de sua criança; e ela tem um gesto permanente de quem está implorando por esmolas”. (JARRETT-MAUCAULEY, 1996, p.156, tradução nossa).

No Brasil, a mulher negra é invariavelmente reduzida a uma condição social inferiorizada, e assume especificamente o retrato de uma sexualidade exacerbada – resultado do processo histórico do país no qual a negra era reduzida a um objeto sexual. Como dito no artigo *A mulher negra brasileira*, de Walkyria Chagas da Silva Santos, herdou-se do período escravocrata o “pensamento popular de que a mulher negra só serve para trabalhar como doméstica ou exibindo seus corpos” (SANTOS, 2009, p.02).

Desta forma, O ativismo pelo direito das mulheres negras, impulsionado nos anos 80 pelo movimento feminista, justifica o desenvolvimento de uma maior atenção à uma produção intelectual referente à representação deste grupo no imaginário popular. Junto a este movimento, uma Comunicação capaz de acolher a voz feminina traz a possibilidade de verem vencidos estereótipos reducionistas, e de contribuir para a construção de um espaço ideológico do qual a mulher também se aproprie.

1. 4. JORNALISMO LITERÁRIO E O FORMATO DE LIVRO REPORTAGEM

Jornalismo e literatura se confundem, complementam, influenciam. Historicamente, a primeira relação entre as duas experiências data do século XVIII, “quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo” (PENA, 2006, p. 28). A esta época também se relaciona o surgimento do folhetim, suporte essencialmente literário e jornalístico, cuja origem francesa relacionou nomes de grandes escritores como Honoré de Balzac à construção de crônicas publicadas nos jornais. No Brasil, grandes nomes da literatura também tiveram sua passagem nas redações. No século XIX, quando a atividade da imprensa brasileira começa a ganhar os contornos de um “jornalismo” como conhecemos hoje – deixando de lado o engajamento político que marcou seu início – Machado de Assis, João do Rio, José de Alencar foram alguns escritores cuja produção serviu de exemplo aos contornos de literatura dos quais poderiam se valer os textos nos jornais. Porém, já no século XX, a procura cada vez maior por aspectos objetivos no jornalismo faz diminuir a sua relação com a literatura, como pontua Felipe Pena:

A partir da virada do século, no entanto, essa presença começa a diminuir sensivelmente. Na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada. A objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os *fait divers* assume a função principal na pauta. A Literatura é apenas um suplemento. (PENA, 2006, p. 40).

Como resposta a esta tendência, advinda do processo de padronização pelo qual passava a produção jornalística nos EUA, com ascensão do *lead*, da instantaneidade e objetividade – que por sua vez influenciava os jornais em todo o mundo – surge um

movimento pelo jornalismo literário. O *Novo Jornalismo*, contrário ao que vinha sendo desenvolvido nos jornais, passa a procurar o resgate do literário no trabalho do jornalista, tendo como expoentes grandes nomes como Gay Talese e Tom Wolfe. Ainda segundo Felipe Pena, assim Tom Wolfe descreve o jornalismo literário, em seu manifesto de 1973:

A ideia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. (PENA, 2006, p. 56).

O jornalismo literário é a forma de escrita escolhida para a produção do livro reportagem *Mulheres do Buieié*, por trazer em si a possibilidade de um texto que ao mesmo tempo informe e desperte, contribuindo para um conhecimento ao mesmo tempo intelectual e sensível. Nas palavras de Alceu Amoroso Lima, um jornalismo que “apenas informe” não pode ser classificado como “bom jornalismo” – ainda é preciso ter desenvolvido um estilo próprio, ligado à noção do jornalismo como atividade de escrita e, portanto, próxima à produção artística. É esta concepção de jornalismo que foi desenvolvida para a tessitura do livro reportagem, em que o estilo próprio da autora procurou se manifestar.

Se o estilo comum do jornalismo exige certas condições intrínsecas e rigorosas, já o estilo próprio admite, como sempre, a máxima liberdade. Preenchidas as condições comuns – precisão, concisão, clareza, cultura – então a liberdade, em vez de ser condicionada pelo gênero, é uma exigência dele mesmo e da condição do próprio jornalista, que é um artista como outro qualquer. (LIMA, 2008, p. 71).

Além da escolha pelo estilo do jornalismo literário, o formato de livro reportagem com enfoque na construção de perfis justifica-se por este remeter à “prática jornalística e literária capaz de acolher com relativa folga a seguinte hipótese: biografias tem enfoque humano pela via da escrita impressa, mas algumas possuem elementos jornalísticos, como o compromisso com os fatos (passado) e com a clareza (acessibilidade)” (VILAS BOAS, 2002, p. 60). Assim, sendo um formato também inserido entre o jornalismo e a literatura, o livro reportagem permite uma construção mais aprofundada da narrativa jornalística sobre histórias de vida. Ainda nas palavras de Sergio Vilas Boas, é assim caracterizado o livro reportagem:

“O objeto de abordagem (1) de que trata o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual. Os fatos podem ser concretos ou perenes, mas a veracidade e a verossimilhança são primordiais; no que se refere à linguagem (2), o livro reportagem apresenta-se como jornalístico, mas acomoda outros recursos (literários, por exemplo); a função (3) de informar e interpretar pode (e deve) revestir-se de investigações e percepções pluridimensionais”. (VILLAS BOAS, 2002, p. 78)

O surgimento deste formato remete às primeiras reportagens em livros produzidas no século XX, na Europa. A maior amplitude do gênero permite a abordagem no texto de aspectos profundos sobre o entrevistado, como seus mais íntimos desejos, medos, opiniões, lembranças – assim como, num nível menos subjetivo, a construção de cenários, diálogos, imagens e acontecimentos de forma mais detalhada. Desta forma, partindo-se da veracidade das entrevistas, dos fatos referentes à vida da pessoa, é possível construir um relato rico em construções literárias, aproximando-se da procura pela humanização do trabalho do jornalista. Assim Monica Martinez, autora do livro *A Jornada do Herói – a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo* caracteriza uma boa história de vida:

“A boa história de vida talvez seja aquela que, à semelhança de um romance excepcional, deixa a sensação de que a narrativa não se esgota nos fatos, de que ela não se restringe aos causos registrados. A verdade é que escrever uma biografia é missão difícil, pois visa a captar uma realidade mais complexa, formada por uma combinação de alguns fatos e muitos mistérios”. (MARTINEZ, 2008, p. 270)

Ainda segundo Martinez, pode-se dizer que a crise contemporânea dos paradigmas também põe em cheque a estrutura convencional do fazer jornalístico, “abrindo espaço para propostas que contribuam para o resgate da humanização e do aprofundamento das coberturas jornalísticas”. (MARTINEZ, 2008, p. 263). A procura pela humanização dá-se, portanto, através do resgate da sensibilidade e do aprimoramento concedidos pela estrutura de jornalismo literário em histórias de vida. A própria procura por histórias de vida relaciona-se a um contato mais humanizado com a fonte entrevistada, assim como com a tessitura de sua história.

“Por mais que o mundo esteja em mutação, a realidade é que a comunicação social é feita por humanos e para seres humanos. Assim, seja nas reportagens ou nas entrevistas, as histórias e os depoimentos centram-se nas narrativas de seres humanos. Nada mais natural que a defesa da humanização da narrativa para atingir um público em potencial que a cada dia está mais perplexo, diante de um novo mundo, globalizado e sistêmico”. (MARTINEZ, 2008, p. 32)

2. RELATÓRIO TÉCNICO

A idealização do livro reportagem *Mulheres do Buieié* começou a ser desenvolvida durante o segundo semestre de 2013. A ideia partiu da vontade inicial de se escrever histórias de vida, através de um jornalismo literário, sobre mulheres que vivem culturas minoritárias tidas como alteridade em relação à produção midiática convencional. Levando em conta a proximidade geográfica com a comunidade do Buieié, este espaço foi o escolhido para o desenvolvimento do trabalho. Desta forma, definida a temática e a orientação da professora Ana Carolina Beer Figueira Simas, deu-se início ao processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, descrito a seguir.

2.1. PRÉ-PRODUÇÃO

Inicialmente, a ideia do livro reportagem era contemplar três culturas minoritárias – indígena, cigana, e afro-brasileira, construindo uma reportagem de perfil de uma mulher que vivesse em cada uma delas. Porém, apesar de estabelecidos alguns contatos iniciais com acampamentos ciganos e tribos indígenas, a inviabilidade deste projeto ficou muito clara, uma vez que eu precisaria empreender muitas viagens a lugares distantes. E um dos principais problemas desta situação seria a dificuldade em aprofundar o contato com cada mulher entrevistada – sendo este aprofundamento extremamente necessário para a construção de um trabalho íntimo como o é o relato de histórias de vida. Assim sendo, desisti desta ideia inicial, e preferi me dedicar exclusivamente a um lugar mais acessível, no qual fosse mais fácil construir uma relação mais contínua. E desta forma surgiu a ideia de escrever sobre a comunidade do Buieié, da qual já tinha ouvido falar. Sabia que alguns projetos já haviam sido desenvolvidos lá, como o *Tambores do Buieié*, que focalizou oficinas de percussão com os meninos da comunidade.

Definido o local onde seria desenvolvido o trabalho, contei com a ajuda da amiga Jaqueline Acácio, coordenadora da Casa de Cultura Afro-brasileira *Ilê Aiyê de Oxóssi*, para me apresentar aos moradores. Esta apresentação era uma forma de “quebrar o gelo” e me aproximar mais da comunidade. Jaqueline me acompanhou na primeira ida ao Buieié, no dia

31 de outubro de 2013, e a partir daí comecei minha relação pessoal com alguns de seus moradores.

Neste início de produção do projeto também estabeleci a orientação com a professora Ana Carolina Beer, e iniciei as pesquisas de fundo teórico. A bibliografia selecionada para o trabalho abrangeu temas como jornalismo literário em histórias de vida; história da etnia negra no Brasil; situação da mulher e do negro na sociedade atual. Decidi pelo formato de livro-reportagem por já ter uma experiência e preferência pela escrita de jornalismo literário, que poderia me conceder maior liberdade criativa para a construção das histórias de vidas das entrevistadas.

2.2. PRODUÇÃO

O processo de produção englobou as atividades em campo, em que pude entrar em contato com a comunidade do Buieié e realizar as entrevistas; e, após o recolhimento destas, o desenvolvimento da escrita do livro, com as histórias de vida das entrevistadas. Segue um diário escrito sobre as experiências durante do livro reportagem *Mulheres do Buieié*. As entrevistas foram coletadas com um gravador, pois seria mais fácil de registrar todos os detalhes das histórias de vida. Para que as entrevistadas se sentissem à vontade com o processo de gravação, preferi deixar o objeto a um canto, de modo que elas pudessem ver que eu estava gravando a conversa mas, ao mesmo tempo, se concentrassem em mim, e nas perguntas que eu trazia.

2.2.1. DIÁRIO

Dia 31 de outubro: primeiro contato com a comunidade do Buiéié

Jaqueline Acácio se dispôs a me levar até a comunidade do Buiéié, por já conhecer o local e alguns moradores. Ser acompanhada por Jaque seria de grande ajuda, pois assim minha presença e meu trabalho não causariam tanto estranhamento. Assim, às 14h30min desta quinta-feira, Jaque me levou de moto até a comunidade. No trajeto até o bairro Violeira, ela

me avisou que as pessoas do Buiéié eram em geral tímidas e fechadas, pois já haviam visto muitos entusiastas iniciarem projetos que não foram para frente, e se sentiam desconfiadas com quem vinha de fora. Seguimos pela estrada de terra da Violeira, passando por paisagens bucólicas, até chegarmos num local de casas simples, ao que Jaque me avisou: “já estamos no Buiéié”. Fomos então até a casa de dona Cidinha, conhecida de Jaque que poderia nos ajudar. Ela nos recebeu na casa sem pintura, onde cachorros dormiam do lado de fora debaixo das buganvílias, e sem tirar as mãos do bordado me ouviu falar sem jeito da minha proposta de trabalho. Mas, para minha surpresa, mesmo dentro da sua timidez, Cidinha parecia disposta a colaborar com aquela ideia que eu trazia. Conversamos, as três, sobre os problemas atuais da comunidade, que não possui estrada asfaltada, nem mesmo escola ou posto de saúde. Cidinha não se mostrou arredia com a minha presença, e ao final nos despedimos com carinho. Ela prometeu entrar em contato com duas senhoras da comunidade, que se recordavam das origens do Buiéié, e poderiam se interessar em ter suas histórias de vida contadas por mim. Combinamos de voltar dois dias depois, no sábado, no mesmo horário.

Dia 02 de novembro: entrevista com Dona Zabé

Como prometido em nossa última visita, voltamos à comunidade na tarde deste sábado. Jaque me acompanhou mais uma vez, porque também começou a articular um projeto com os moradores, e assim fomos juntas e movidas pela mesma intenção de conhecê-los e, de certa forma, ajudá-los. Cidinha já estava à nossa espera, e nos levou até a casa de dona Zabé que, segundo ela, é uma das mulheres mais velhas da comunidade, e gostaria muito de bater um papo. Desta vez, pude conhecer um pouco mais o local, que é bem maior do que imaginei a princípio. As casas são realmente muito simples, os moradores estão sempre à porta, e mesmo nesse dia de sol intenso ficavam do lado de fora ouvindo música (passamos por uma família que escutava Caetano Veloso em alto volume), trabalhando, conversando. Muitas crianças e adolescentes perambulavam. Enquanto passávamos, Cidinha ia “dando a benção” para vários deles, seus afilhados. Moram no Buiéié por volta de 300 pessoas, me diz Cidinha, e praticamente “todo mundo conhece todo mundo”. No nosso caminho até a casa de dona Zabé, encontramos com uma menina de 13 anos, que tinha o cabelo todo trançado, feito por ela mesma. Ela cumprimentou Cidinha e eu elogiei o seu cabelo. Em geral, as pessoas nos espiavam, talvez um pouco desconfiadas, mas eram muitíssimo amáveis.

Chegamos na casa de dona Zabé, onde fomos muito bem recebidas. Dona Zabé é uma senhora de seus oitenta anos, de corpo firme e sorriso solto. Ouviu minha explicação sobre meu trabalho, e se dispôs a ser entrevistada (com uma certa recusa inicial, dizendo que na verdade não era exatamente a moradora mais antiga do Buiéié, mas a terceira mais velha). Jaque e Cidinha nos deixaram a sós na sala de estar, que tinha poucos móveis e a porta aberta para a estrada de chão.

Dona Zabé estava confortavelmente deitada no sofá embaixo da janela e eu, sentada no outro sofá ao seu lado, podia observá-la e fazer as perguntas. Conversamos durante 46 minutos. Perguntei sobre sua infância, trabalho, casamento... Por vezes, sentia que a conversa poderia cansá-la, e então mudava de assunto. Tentei, no geral, captar suas impressões e lembranças. Devido à sua idade avançada, Dona Zabé não se lembrava com exatidão de coisas importantes da sua vida, portanto tentei ajudá-la a resgatar detalhes. Por exemplo: “se a senhora tem hoje seus 80 anos, e casou aos vinte, deve ter tido seus filhos talvez com quantos anos...?”. Perguntas assim eram feitas para situá-la em suas próprias memórias. No geral, era um trabalho árduo, como pedir para um cego me dizer qual é a cor de um girassol, ou como ajudar alguém a pescar peixes de águas profundas num rio que está muito turvo. Eram assim as memórias de Dona Zabé: pouco exatas, mas muito fortes. Ela me provocou uma admiração intensa pela gana de vida, mesmo com todas as limitações e dificuldades que passou. Com suas opiniões e lembranças registradas, não quis exigir muito de Dona Zabé, pois sei que com o material coletado já posso me lançar à escrita do seu perfil.

Acabada a entrevista, nos despedimos, e voltamos para a casa de Cidinha. Lá combinamos as próximas entrevistas: com ela mesma, Cidinha, e com uma garota que esteja com mais ou menos 20 anos – registrando, assim, histórias de vidas de três gerações diferentes. Minha única exigência é a que seja uma menina de cabelos trançados, preservando, de alguma forma, um pouco da cultura afro.

Dia 01 de dezembro: conhecendo o espaço

Após algum tempo sem visitar a comunidade, mais atarefada com a parte teórica deste trabalho, retornei ao Buiéié, às 16 horas da tarde deste domingo. Aproveitei o dia para perambular melhor pelo espaço, que ainda não conhecia profundamente. Andei pelas casas, observando as estruturas de suas construções, os quintais, as plantações. Anotei no bloco de

notas que levei comigo as principais impressões que me despertava aquele lugar, as observações que pude fazer, as descrições das pessoas, dos animais. Pude observar a riqueza natural do lugar, que possui inúmeras espécies de plantas. Também pude andar pelo território e entender como estão situados as partes “baixa” e “alta” do Buieié, e as diferenças que existem entre elas. Conheci alguns moradores, e fiz mais contatos com possíveis entrevistados. Registrei as coisas que mais me chamaram a atenção na câmera do celular, para anotações pessoais. O dia foi importante para captar as impressões que o local me desperta – algo necessário para a construção de um jornalismo literário. E para marcar as próximas entrevistas das reportagens de perfil.

Dia 09 de dezembro: entrevista com Cidinha

Cheguei à comunidade às 13 horas da tarde de uma segunda-feira ensolarada. Fui até a casa da Cidinha, que já me esperava em meio aos quitutes que faz de encomenda para famílias do bairro. Ela me recebeu com muito carinho e broas de fubá (deliciosas). Conheci outras pessoas da sua família que moram na casa, todos muito simpáticos. Cidinha já não me parecia tímida como da primeira vez que a conheci, pelo contrário, se mostrava determinada a me ajudar no trabalho das entrevistas. E assim nos sentamos do lado de fora da sua casa, na varanda do quintal, onde o ar estava mais fresco e não fazia tanto barulho. Expliquei para ela que a ideia era fazer a entrevista funcionar como um bate papo, e assim aconteceu, de forma muito natural, durante uma hora e meia. Comecei fazendo perguntas sobre sua infância, tentando trazer à tona detalhes específicos, como quais histórias os adultos costumavam contar para ela, quais medos sentia... Cidinha respondia com muita sagacidade, entendendo aonde eu queria chegar. E com o evoluir da conversa, passamos por fatos importantes da sua adolescência e juventude.

Mais uma vez fiquei impressionada com a história de vida de tanta luta e força – e só posso concluir que são esses os traços fundamentais das *Mulheres do Buieié*. Este foi o dia em que mais me senti à vontade neste trabalho, devido à maior receptividade que pude sentir das pessoas (Cidinha e sua família) e que me motiva a realizar um trabalho não apenas *sobre*, mas também *com* eles.

Dia 11 de dezembro: entrevista com Jéssica

Conheci Jéssica por intermédio de Cidinha, que é sua tia. Ela me disse que a moça estaria interessada em colaborar para o trabalho, e desta forma fui à sua procura. Jéssica mora com os dois filhos pequenos e os irmãos mais novos e, apesar da pouca idade (tem vinte e dois anos), é uma espécie de mãe para toda a casa. Ela me recebeu em sua sala, às 13 horas de uma quarta-feira nublada, e nos sentamos confortavelmente no sofá.

Enquanto a entrevistava, as crianças brincavam no chão. Jéssica se mostrou uma moça esperta, cheia de sonhos e ideias. A entrevista durou uma hora e meia e, por se dirigir a uma integrante da geração jovem do Buieié, pôde contemplar questões sobre situação atual da comunidade, tais como: como os adolescentes se sentem por fazer parte da comunidade, o que guardam da cultura afro-brasileira, o que esperam do futuro, etc. Jéssica criticou o que considera um grave descaso da administração pública com o Buieié, e a precariedade das oportunidades de estudo e lazer oferecidas para os jovens. A entrevista transcorreu como um bate-papo, confortável e produtivo. E desta forma, recolhi o relato de história de vida da última das *Mulheres do Buieié*.

2.2.2 ESCRITA DO LIVRO

A redação do livro-reportagem abrangeu um período que foi por volta do dia 15 de dezembro a 15 de janeiro. Nesta parte, tive uma grande preocupação com o tom de narrativa que o texto assumiria.

As vidas das Mulheres do Buieié são trajetórias de lutas, e levá-las para o papel requeria de minha parte um grande equilíbrio de escrita. Não caberia, de forma alguma, tentar amenizar alguns acontecimentos de suas vidas; ao mesmo tempo em que também me seria inaceitável produzir um trabalho que reduzisse o universo destas mulheres a histórias sensacionalistas ou muito dramatizadas.

Em outras palavras, era preciso aliar delicadeza à construção de histórias, por vezes, bastante “pesadas”, sem deixar que esta sensibilidade caísse num deslumbramento barato; ou numa dramatização excessiva. A sensibilidade era necessária para chegar aonde eu queria: despertar no leitor um sentimento de compreensão daquela vida, sem tratá-la, grosseiramente,

como uma vida “ruim” ou “boa”; sem romantizar ou dramatizar. Para tanto, optei por uma linguagem mais descritiva do que opinativa, de modo a tornar o texto mais leve e deixar em aberto, para os possíveis leitores, às interpretações das histórias. Além disso, utilizei frases das próprias entrevistadas dentro das narrativas. Estas frases estão destacadas em negrito e itálico no desenrolar do livro, e trazem expressões legítimas das entrevistadas durante nossas conversas. Conservá-las no corpo do texto foi um jeito de manter a voz destas mulheres, de uma forma fluida e integrada à minha escrita.

O tom do livro precisou, ainda, se adaptar a cada história de vida. Para que a essência de cada história fosse introduzida ao leitor, optei por utilizar versos de poemas para abrir cada perfil. Estes versos remetem às histórias das próprias mulheres, e servem para já situar o leitor no que será desenvolvido dentro da narrativa. Foram escolhidas três poetisas brasileiras: Alice Ruiz, Adélia Prado e Cecília Meireles. Versos do poema “Assim eu vejo a vida”, de Cora Coralina, também abrem o livro.

Na história de Dona Zabé, me senti à vontade para usar uma escrita mais poética, uma vez que sua entrevista consistia, no geral, de suas memórias sobre o passado. Assim, caberia uma narrativa mais leve, mais delicada. Já para as histórias de Cidinha e Jéssica, o tom do texto precisou ser outro. Apesar de já não caber tanta poesia em histórias mais atuais e também de muitas lutas, nestes relatos foi possível introduzir mais a fundo algumas questões importantes sobre a comunidade e seus moradores.

Afinal, o livro-reportagem não é um produto destinado apenas ao prazer de uma boa leitura, mas também ao conhecimento de uma realidade que, em geral, a sociedade prefere manter como ignorada. Trazer para o papel histórias de luta, creio eu, tem muito a contribuir, principalmente, para o desenvolvimento da nossa consciência sobre o tratamento destinado, atualmente, às comunidades negras, aos pobres, e às mulheres.

2.2.3 ILUSTRAÇÕES EM AQUARELA

Tendo concluída a parte de escrita do livro-reportagem, que contou com o prefácio, em que foi necessário introduzir o tema e algumas questões importantes; e com as três histórias de vida das *Mulheres do Buieíé*, passei para a fase de ilustração do material.

Primeiramente, estava em dúvida se tiraria fotos das entrevistadas, ou se tentaria ilustrar em aquarela (técnica que não domino) algumas imagens que me vieram à cabeça enquanto elas me contavam momentos importantes de suas vidas. Resolvi arriscar e optar pela aquarela, apesar das minhas enormes limitações nessa arte, já que eu nunca havia tentado desenhar e pintar de uma forma mais técnica, para fins como o de um trabalho acadêmico. Fui encorajada por amigas que me ensinaram melhor como usar este método, e assim produzi as sete ilustrações que acompanham o livro. Apesar de ser um trabalho completamente amador, fiquei feliz com o resultado. A opção pela aquarela foi uma escolha em sintonia com a essência do trabalho, uma vez que eu não conseguiria atingir, pela fotografia, uma representação tão delicada e forte das impressões que me causaram as histórias de vida das entrevistadas. Além disso, apesar do tom artístico desperto pela aquarela, ela não ilustra invenções, mas momentos que realmente foram vividos e narrados pelas entrevistadas.

2.3. PÓS-PRODUÇÃO

A fase de pós-produção do trabalho consistiu na montagem do livro-reportagem em si, e englobou os processos de digitalização das aquarelas, idealização do projeto gráfico do livro e diagramação.

Para digitalizar as aquarelas, de forma que pudessem ser reproduzidas a partir do trabalho original, inevitavelmente uma boa parte da qualidade da imagem foi perdida durante o escaneamento. Tentei amenizar esta perda com um tratamento de imagem usando o *Photoshop*. Uma das aquarelas também foi usada como capa do livro, trazendo o perfil de uma mulher com temas africanos.

Na fase de idealização do projeto gráfico, escolhi produzir a arte do livro de forma a remeter à cultura afro-brasileira. Para o título do livro, foi usada a fonte Gilgongo Doro, que lembra a estética da cultura africana. Para os subtítulos, escolhi a fonte Perpetua Titling MT, por ser delicada, de forma a combinar com a fonte do título, sem competir com ela. E para o texto foi usada a fonte Perpetua, variação da usada nos subtítulos. O trabalho foi produzido em tamanho A5 (14cm x 21cm). Sua diagramação foi realizada com o *software Indesign*.

Após concluído o material, contei com a revisão final da professora orientadora Ana Carolina Beer Simas. Dada como finda a produção, levei o material para a copiadora Arte Livros, que realizou sua impressão.

2.3.1. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Número de páginas: 97.

Formato: 14 cm x 21 cm.

Páginas: papel sulfite.

Capa: colorida, papel fotográfico, 240 g.

2.4. ORÇAMENTO, MATERIAIS UTILIZADOS E CRONOGRAMA

ORÇAMENTO

| Descrição | Valor |
|---------------------------------------|--------------|
| PASSAGENS DE ÔNIBUS (Centro - Buieié) | R\$ 15,00 |
| IMPRESSÕES DOS MEMORIAIS | R\$ |
| IMPRESSÕES DOS LIVROS | R\$ 145,80 |
| TOTAL | R\$ |

MATERIAIS UTILIZADOS

| Descrição | Quantidade |
|-------------------------------------|-------------------|
| CADERNO DE ANOTAÇÕES | 01 |
| GRAVADOR DE ÁUDIO SONY ICD -PXD 720 | 01 |
| NOTEBOOK ACER ASPIRE 4736Z | 01 |
| PEN DRIVE SANDISK 8 GB | 01 |

CRONOGRAMA

| | Set/13 | Out/13 | Nov/13 | Dez/13 | Jan/14 | Fev/14 |
|--------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Pré-produção | X | X | X | | | |
| Produção | | | | X | X | |
| Pós-produção | | | | | X | |
| Defesa | | | | | | X |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram muitos os aprendizados durante o processo de criação do livro *Mulheres do Buieié*. O primeiro de todos, sem dúvida, foi experimentar o jornalismo como um contato com o outro, nas delicadezas e profundidades de se conhecer todo um universo íntimo que é a vida de outra pessoa. Assim que decidi qual seria o tema para o meu livro, e me dirigi ao Buieié, percebi que escrever sobre suas mulheres me exigia um comportamento muito novo, e um pouco difícil. Era preciso fazer com que aquelas pessoas desconhecidas quisessem se abrir para mim, em seus segredos, medos, problemas, sonhos. E, para isso, era preciso fazê-las se sentirem confortáveis com a minha presença, sendo gentil, mas, ao mesmo tempo, procurando com sagacidade as perguntas certas que desmontariam suas respostas. Aprendi, principalmente, a ouvir mais. Revendo minhas anotações das entrevistas, vejo como desde o primeiro contato, com Dona Zabé, até o bate papo com a moça Jéssica, consegui ir desenvolvendo pouco a pouco uma escuta mais atenta – capacidade tão importante para a construção de histórias de vida em jornalismo.

Outra coisa que pude desenvolver com o livro foi a escrita de jornalismo literário. Apesar de escrever desde sempre, para fins pessoais, aprendi como a escrita é um ofício cuidadoso. Como é preciso tecer, palavra a palavra, o que se pretende dizer. Muitas vezes, na correria do dia-a-dia, nas produções instantâneas, corremos o risco de deixar de lado este tempo necessário para uma boa escrita. Aprendi, com o livro, que escrever não é só juntar ideias próprias, mas ir construindo, aos poucos, uma narrativa que o leitor acompanhe. Acho que depois do livro me sinto um pouco mais segura para trabalhar desta forma os meus próprios textos de jornalismo ou de literatura.

Criar este livro também me trouxe boas surpresas. Descobri que gosto de produzir artes em aquarelas (atividade que nunca havia tentado fazer, e que se mostrou muito prazerosa), e de idealizar e desenvolver o design de produtos. Estes trabalhos de artes visuais geralmente eram deixados de lado, sendo minha preocupação maior sempre a parte da escrita. No trabalho, porém, resolvi dar uma chance a mim mesma, vendo até onde conseguiria ir. E, apesar das minhas limitações, fiquei feliz com o resultado.

Além desses ganhos pessoais, fica a minha gratidão por ter estabelecido um contato com a comunidade do Buieié, conhecendo suas pessoas e histórias. E de poder contribuir, de

certa forma, para a valorização da autoestima dos seus moradores, através do reconhecimento de suas trajetórias de vidas. Poder oferecer este livro às mulheres da comunidade, como retorno pela confiança que tiveram em meu trabalho, amplia minhas percepções sobre as possibilidades do trabalho do jornalista. E me fortalece na procura por um contato mais humano, tanto com as fontes, quanto com a própria profissão de conhecer, se informar, escrever.

Em suma, o livro-reportagem *Mulheres do Buieie* me possibilitou a experimentação de um jornalismo que muito me interessa e, desta forma, me sinto mais segura e motivada após sua produção. É um trabalho que enriqueceu minhas percepções sobre a atuação jornalística, e que com certeza me servirá de inspiração para projetos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BOAS, Sergio Vila. **Biografias e biógrafos: jornalismo de personagem**. São Paulo: Summus, 2002.

CALDEIRA, Vanessa. **Comunidades quilombolas no Estado de Minas Gerais**. 2007. Disponível em < http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_mg.html > Acesso em: 13 dez. 2013.

DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MACAULEY, Delia Jarrelt. **Reconstructing Womanhood, reconstructing feminism**. Writings ou black women. London: Routledge, 1996.

MAGNO, L.; DOULA, S; PINTO, N.. “Todo mundo conhece a gente agora”: cultura e identidade de jovens rurais de Minas Gerais. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Infância e Juventude**. Bogotá, nº 9 , 305-319, Dezembro de 2010.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**. A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PINKÓLA ESTES, Clarissa. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RAJAN, Rajeswari Sunder. **Real and imagined woman**. London: Routledge, 1993.

RIBEIRO, DARCY. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

Sites

A guerra contra as mulheres. **O Globo**, São Paulo, 09 nov. 2013. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/opiniao/a-guerra-contra-as-mulheres-10717133> > Acesso em: 12 jan 2014.

Mulher ganha menos que homem mas carga horária é menor. Folha, São Paulo, 08 mar. 2012. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1059067-mulher-ganha-menos-que-homens-mas-carga-horaria-e-menor-diz-ibge.shtml> > Acesso em: 12 jan 2014.

Na hora de fazer não gritou. **Pública**, São Paulo, 25 mar. 2013. Disponível em: < <http://www.apublica.org/2013/03/na-hora-de-fazer-nao-gritou/> > Acesso em: 20 out. 2013.

Negros são 70% das vítimas de assassinatos no Brasil, reafirma Ipea. **Carta Capital**, São Paulo, 18 out. 2013. Disponível em: < <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2013/10/18/negros-sao-70-das-vitimas-de-assassinatos-no-brasil-reafirma-ipea/> > Acesso em: 20 nov. 2013.

Por que o feminicídio não diminuiu depois da Maria da Penha. **Carta Capital**, São Paulo, 29 set. 2013. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/porque-o-femicidio-nao-diminuiu-depois-da-maria-da-penha-4204.html> > Acesso em: 02 out. 2013.

Trabalhador negro ganha 36% menos que não negro, diz Dieese. **Exame.com**, São Paulo, 13 nov. 2013. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/dieese-aponta-falta-de-oportunidade-para-negros> > Acesso em: 13 jan. 2014.

ANEXOS

ANEXO 1 - Entrevista: Dona Zabé, 80.

Realizada às 15 horas do dia 02 de novembro de 2013, na casa de Dona Izabel Verdiano, no Buié. Viçosa, Minas Gerais.

- Qual é o nome da senhora?

- Izabel Verdiano.

- A senhora é nascida e criada aqui no Buié?

- Isso.

- E trabalhava nas fazendas daqui?

- Trabalhava, trabalhava demais, menina. Desde pequeninha eu trabalhava. Às vezes não gostava mas fazia. Um montão de roupa aí eu ia lá e passava tudo. Lá pelas nove horas, dez horas, tava tudo passado.

- A senhora tem irmãos ou irmãs?

- Os irmãos meus foram morrendo, morreu tudo. Ficaram só duas irmãs. Era cinco pessoas. Cinco filhos. Três homens e duas mulheres. Nós fomos criados na roça, trabalhando, ajudando o pai. Nós ganhava dinheiro e nós dava pro nosso pai. Trabalhava em roça mesmo, só em serviço bruto. As mulheres tudo trabalhava também. Aqui tinha muita gente. Todo mundo passava a mão na enxada de manhã, era até bonito. Saía uma carreira de mulher, homem, tudo trabalhando. Aqui agora acabou. Gente mais velha tá morrendo, ficaram só os mais novos. Tinha muita gente.

- Tinha mais gente do que agora?

- Tinha mais, tinha. Aqui tinha tanta casa. Agora tem mas é mais pouca né, os mais velhos foram morrendo, foram ficando os mais novos.

- A senhora casou?

- Eu casei com vinte anos. Eu aproveitei a minha vida bastante. Não tinha vontade de casar cedo não, quis aproveitar um bocado. Os mais velhos não deixava casar novo não. Pra namorar era um ano.

- O seu pai tinha ciúme, não queria que a senhora casasse não?

- Meu pai tinha ciúme, não queria que a gente casasse não. Mas a gente é moça é boba, ficava doida pra casar né. Casei.

- Com um moço daqui?

- Daqui mesmo.

- Vocês se conheceram como aqui? Já se conhecia há muito tempo né?

- Já conhecia. Novinho, a gente ia crescendo. Na mesma fazenda que eu trabalhava ele trabalhava também.

- Ele fazia o que?

- Capinava, plantava...

- E às vezes vocês iam capinar junto também?

- Capinava junto. Trabalhava junto. Aí foi tomando namoro um com o outro né. Aí foi assim (risada). Amor é coisa boa, né.

- E vocês tiveram quantos filhos?

- Eu tive cinco filhos. Nós passamos muito tempo sem menino. Eu trabalhei muito, menina. Acho que nós passamos dez anos sem menino. Não era igual essas mulheres de hoje que fica criando muito, não. E nosso parto era em casa. Nós ganhava menino em casa.

- Tinha parteira?

- Tinha parteira. A parteira que olhava nós. E levava nós pra rua só se ficasse ruim né, se a pessoa ficasse muito ruim. Não tinha carro, não tinha nada não. Sabe do que ia? Carro de boi. Colocava a pessoa lá dentro, com um pano em cima, e levava pro hospital. Não tinha caminho nessa Viçosa. Só tinha um caminhozinho assim que passava, e tudo capoeira, do outro lado capoeira. Nós passava só aquilo ali. Pessoa que morria ali. Eles jogavam tudo ali. Pra você ver que tristeza. Eu conheci aquela Viçosa sem casa, quase. Tinha só a casa do Pedro Cunha/Coelho.

- Quem era?

- Pedro Cunha? Ele já morreu. Era na casa lá debaixo ali onde era aquela loja agora. Era ali. E tinha uma outra dum doutor chamado doutor Artur Bernardes, do outro lado.

- Como eram as casas?

- As casas deles eram aquelas casas antigas, né, aquelas casas altas, antigas. Depois que foi modificando. Eu era menina quando fui lá, do porte daquela minha neta que passou aqui. Já era menina daquele porte. Eu ia com minha mãe, pra cidade, nós ia à pé. Tinha só uma casa do outro lado, e nós passava no meio ali.

- Vocês iam fazer o que lá?

- Nós ia vender banana, ia fazer comprar. Tudo nós era na cidade. Tudo quanto há, qualquer coisa. Se tinha que fazer qualquer coisa, nós tinha que ir pra cidade. Até hoje, tudo que nós tem que fazer, é na rua. Se é à pé, se é de carro, é na rua. Qualquer coisa. Se morreu, é na rua. Nada é resolvido aqui na roça, é lá. E eu conheci aquilo ali sem casa.

- E a diferença pra agora?

- Tem muita casa, tem muita. Foi abrindo as estrada, até criar a cidade.

- A senhora viu crescendo a cidade então, né.

- Eu vi crescendo a cidade. Eu não sou nova mais não, minha filha. Já tenho minhas idades bastante mesmo. Conheci muita coisa. Eu ia com os mais velhos mais antigos e ficava observando. Andei muito naquela cidade. Achava bonito naquela cidade, gostava de ir com minha vó, minha tia, todo mundo passava a mão no balaio, outro no menino e ia vender as coisas. E eu gostava de ir. A gente ia aprendendo as coisas. Tinha só casa. Nós chamava ali de Buraco Frio, lá pra trás, chegando ali no Silvestre. Ali nós tratava ali de Buraco Frio. Pra você ver, quantos anos já tem.

- E a senhora assustava de ver a cidade crescendo, de uma vez? Até hoje cresce demais né.

- Até hoje, cresce demais. Cada dia cresce mais. E aqui não cresceu. Aqui não tem ajuda, não tem uma pessoa que cuida. Nós ia pra cidade, nós ia caindo, machucando. Nós precisa de passar dentro d'água pra ir pra cidade. Esperava ribeirão esvaziar pra ir pra rua. Não tinha carro, não tinha nada. Nós ia à pé e voltava à pé. Saía cedo com balaio, às vezes saía de madrugada, era assim.

- E vocês vendiam coisas que plantavam aqui?

- É, banana, laranja, mexerica, tudo vendia. Cada um tinha suas coisas pra vender. No começo da cidade, naquelas casas. As casinhas poucas que tinha comprava muito. As casinhas que agora fica ali no trevo, mas nem tinha trevo nada não. Nada. Depois que foi arrumando, foi fazendo as casas, foi chegando os doutores mais barrigudos né. Aí que a cidade virou cidade mesmo. Eu tô aí. Graças a Deus. Tem dia que eu sinto uma coisa, sinto outra, uma dor no braço, uma dor nas cadeiras. Mas tô aí. Passo a mão na panela. Cozinho ainda, no fogão de lenha.

- Mas como é que foi a infância da senhora, a senhora lembra? Dos seus pais, seus irmãos, de brincar, o que a senhora lembra?

- Ah, nós brincava muito. Com os irmãos, com os pais. Pai nosso era bravo, batia. Ih! Mãe não, mãe era boa, mansinha, batia não. Mas pai era bravo. Olhava assim de lado, com cara de bravo, ninguém nem mexia. Agora mãe, você sabe como é né. Mãe passa a mão na cabeça (risada).

- E o que mais a senhora lembra?

- Eu lembro que ajudava meu pai a trabalhar, ele ia plantar milho eu ia junto com a vasilhinha plantando milho. Ele ia botar fogo, eu ia também. Eu andava com aquelas roupas rasgadas, eu ia, fogo pegava em mim, queimava. Fiquei com a barriga toda queimada de ajudar meu pai a botar fogo. Juntava a vara assim e tocava fogo, mesma coisa de estar queimando lixo.

- A senhora não tinha medo do fogo não?

- Não, ajudava ele, tava ajudando! Gostava de ajudar.

- Mesmo com fogo? Criança às vezes tem medo...

- Tem medo, mas eu não tinha não. A roupa tava rasgada, e eu fui ajudar ele a pegar fogo, e o fogo pegou no pedaço de roupa e pegou e queimou minha barriga. Mas eu tava ajudando meu pai. Deus foi tão bom pra mim que eu fui curada em casa, minha mãe curou em casa. E não teve nada, graças a Deus.

- Sua mãe usou o que pra curar?

- Ela curou com banha de porco. Aquela banha clarinha, ela socou o maracujá, e misturou o maracujá naquela banha e enrolou a folha de banana e passou.

- E curou?

- Curou. Não foi na rua.

- Aqui tinha rezadeira, raizeira?

- Tinha, tinha rezadeira. Toda vida tinha. Curava com reza. Rezava nas casas, era bonito. Tinha matraca, quando chegava assim, nesses dias de quaresma. A matraca chegava assim, tec tec tec...

- O que é matraca?

- Matraca era um trem desse tamanho, e quando rodava ela, ela batia, tec tec, tec tec. A gente sabia que era rezadeira por causa da matraca, que batia. Nós ficava quietinho em casa.

- Elas passavam de casa em casa?

- Passava de casa em casa. No dia não podia sair no terreiro, não podia conversar. A hora que saía todo mundo, que todo mundo ia embora, aí que podia levantar e acender as luzes. Ficava escutando que eles tavam rezando, né. Bonito, boba. Agora hoje já não vê nem mais.

- A senhora era criança, a primeira vez que viu elas?

- Era criança! Era criança, depois fui crescendo né.

- Elas usavam uma roupa diferente?

- Essas velhas todas que eu conheci, que era tia, e não era tia, elas faziam aquelas saias de saco, porque não tinha muita coisa não. No tempo dos antigos não tinha muita roupa não. Elas comprava saco, e usava muito riscado, elas fazia aquela saia de badado. Era bonito! Às vezes o pano era branco, elas tingia de verde, de azul, de amarelo. E elas ia, pra ajudar as casas. Pras mulheres que saía pra trabalhar.

- E como eram as roupas que a senhora usava?

- Ah eu já trabalhei muito em terreiro pra ter roupa, dos fazendeiros.

- E eles davam?

- Davam. Aquelas roupas que não queriam mais, eles faziam camilosa pra mim. Eles falavam, vem trabalhar pra mim que eu compro roupa pra você. Comprava nada. Pegava aquelas roupas dele, cortava e fazia, e nós usava. E nós ficava bem. Que não tinha né. Gostava, gostava. Ia no baile, na festa.

- A senhora se lembra de algum vestido que gostou muito de usar?

- Ah, eu lembro de muitos (risada). Aqueles vestidos de crepe, que usava antes. Não era bonito não. Mas era bom, era bom. Eles faziam e nós vestia. Eu gostava de todas as cores, amarelo, branco, azul. Eu gosto muito de azul e verde.

- Azul e verde? Que é esse mato aqui né, esse céu, esse mato!

- É. É muito chique.

- E tinha baile aqui?

- Tinha baile. Nós dançava a noite inteira e ia trabalhar no dia seguinte. Tocava calango, valsa, usava muito era valsa né, aqueles trem antigo. Nós dançava a noite inteira, e no outro dia trabalhava. Ninguém ficava à toa. Era tempo bom. Graças a deus. Eu trabalhava na fazenda e no outro dia ia trabalhar.

- E aqui era tranquilo?

- Tranquilo.

- Nesse baile que a senhora começou a namorar também?

- Que comecei a namorar, ih, gostava muito de um baile... Adoro, até hoje eu gosto. Só não gosto de dança né (risada).

- Dançar não?

- Não gosto de dançar não.

- E a senhora ia lá pra ver?

- É. Mas eu gosto de baile. Baile é bom né, é um divertimento. Eu gosto muito de música.

- Quantos anos a senhora tinha quando começou a frequentar os baile?

- Eu tava com uns dez anos. A gente já aproveitava bastante, ia pras festas, ia pro baile. Aproveitei muito. Ia com as irmãs, ia com as tias, elas levava e trazia. Entregava nas casas. Tirava das casas, levava e entregava de novo. Era bom. Pessoal deixava. Mas tinha que andar direitinho, não dar pirula nos outros. Se desse pirula num rapaz no outro sábado não ia. Não podia. Nós saía pra dançar com todo mundo, não tinha esse negócio de dar pirula, escolher rapaz não.

- E os rapazes eram daqui também?

- Daqui. Tudo daqui. Ih, já dancei muito baile na minha vida. Graças a deus. Hoje eu não ligo de não ir não, já aproveitei muito. Festa, baile, tudo eu não perdia.

- Foi uma infância feliz então?

- Graças a Deus. Olhava meu pai, minha mãe, cuidava, dava dinheiro. Que eu trabalhava era pra eles.

- Seus pais eram novos?

- Eram. E nós que tava dinheiro pra eles. Eles criou a gente, nós também tinha que criar eles né. A gente tinha que criar eles, que às vezes eles trabalhavam o ordenado e não dava, tinha outros filhos em casa pra comer né. Tinha que ajudar né. Bom da gente ajudar, boba, é que não falta nada pra gente né. Ajuda o pai e a mãe, Deus ajuda pra gente né.

- Retorna, né.

- Retorna. Graças a Deus, casei, trabalhei muito, criei minha família, não falta nada pra mim.

- E os filhos da senhora, como a senhora criou eles?

- Pondo na escola, botando pra trabalhar... Eu tenho meus meninos e minhas meninas, eles todos sabem trabalhar muito bem, graças a Deus. Eu criei esse neto aí que a mãe dele morreu, aí ó, agora tô criando neto. Eu lutei muito, falar com você, lutei muito. Agora tô criando neto e bisneto.

- A senhora tá criando gerações então né, muita gente.

- É uai. Tem que ter força, e paciência né...

- A senhora sempre foi muito forte. Mas quando sentia que não ia conseguir?

- A gente pede a Deus força né. Quando eu tive filho, foi difícil né. Nós passamo muita coisa aqui, com meus filhos. Meu marido às vezes saía pra trabalhar, ficava, esperava ele. Era difícil boba, era difícil. A gente pedia a Deus força e não faltava nada não. Se faltasse de manhã cedo, de tarde tinha, e a gente tinha paciência de esperar. Hoje, essas de hoje não espera não. Elas querem tudo na hora. Já lutei, já venci, graças a Deus. E Deus vai dar sempre força pra vencer mais.

- A senhora reza toda noite?

- Rezo. Só se eu dormir. Um padre nosso, ave Maria, pra dormir. Padre nosso é o principal, né. A gente rezando um padre nosso, ave Maria, e pode dormir. É difícil esquecer viu, esqueço não.

- Quando seus pais faleceram a senhora tinha quantos anos?

- Ah... você sabe que eu não vou saber.

- Você já tinha casado?

- Já, já tinha já. Já tinha casado, já tinha filho. Mas a gente não reclama, boba. Vai passando, vai passando, e a gente esquece. A gente esquece tudo né. Mas pai quando faleceu meus meninos já estavam tudo grande, já tava tudo trabalhando, minhas meninas. Ele me ajudou a criar minhas filhas. Ele ajudou muito. Eu ajudava ele e ele me ajudava, era assim. Porque ele trabalhava e eu também trabalhava. Quando não tinha do dele, tinha de mim. Quando não tinha de mim, tinha do dele. Era assim.

- A senhora só tem filha ou tem menino também?

- Eu tenho um rapaz. Eu tive dois meninos homens. Um morreu.

- Quando era criança?

- Não, ele morreu com vinte e dois anos. Teve outra menina que morreu também, a mãe dele.

[Neste momento, Dona Zabé se confundiu. Eu perguntei a ele quantos filhos ela tinha, mas ela me respondeu que tinha um neto homem. Este rapaz é filho de sua filha. Também posso considerar que Dona Zabé, criadora de tantas gerações, se confunde entre quais são os filhos nascidos do ventre e quais são os de adoção].

- A mãe dele, sua filha? O que ela teve?

- Ah menina ela não tinha a cabeça boa não. Aí um homem que ela gostava, deixou ela, ela não aguentou não. Foi depressão demais. Eu que criei o menino.

- A senhora que pegou o neto pra criar novinho então?

- Foi. Assim que ela deu alta no hospital eu fui ver os dois e peguei o menino já.

- E ela?

- Ela ficou internada, minha filha, lá em Juiz de Fora. Depois até mudou de hospital, mas não sei pra onde foi. Ela não era boa da cabeça não.

- E o filho dela que morreu agora?

- É. Foi de acidente de moto.

- Em Viçosa?

- Em Viçosa. Faz o quê, faz uns quatro meses só... Ou não, faz mais. Mas meu primeiro menino que morreu faz tempo...

- Foi de que?

- Esse foi de um tombo na cabeça, sabe. Que não curou. Não viu o que era.

- A senhora tinha quantos anos, uns quarenta? Porque se ele morreu com vinte, e a senhora casou com vinte e poucos...

- É, por aí.

- A senhora ficou muito triste?

- Ah, cê boba, Deus me livre minha filha. A gente perder um filho né...

- Triste demais né.

- Deus me livre. É muito triste a gente perder filho. Perde tudo. Perde filho, perde pai, perde irmão, né... a gente fica aborrecida né.

- É... mas não pode perder tudo não né.

- Não boba, a gente perde não. Tem outros para cuidar. A gente sabe que esses levou né, mas tem outros pra cuidar.

- E quem cuida da senhora?

- [risada] Eles tudo também né. Eles cuidam de mim, eu cuido deles. A gente tem que ter uma pessoa, filha. A gente tem que ter uma pessoa pra olhar a gente.

- É... a senhora já teve algum problema de saúde?

- Pressão.

- Pressão. Mas nunca teve que ir muito pra hospital, não?

- Não. Nada disso não. Eu nem gosto de hospital, vou lá só quando preciso.

- Ah mas ninguém gosta não.

- Sabe uma tristeza? Deitar lá e ficar daquele jeito lá. Eu não gosto de deitar. Eu gosto é de trabalhar.

- Mas a senhora falou que há muito tempo o pessoal, quando precisava, levava gente daqui com burro de carga pra lá, né?

- É, quando eu era criança. Mas eu nunca precisei ir assim não. Graças a Deus não. Agora melhorou muito, se a gente precisar de alguma coisa a gente pega um carro, pega alguma coisa, mas de primeiro não tinha não. Primeiro era carga de boi mesmo. Pegava o boi no pasto, e botava, e fazia, e punha a lona por cima e carregava. Daquele jeito lá.

- Quando a senhora era nova, tinha raiva dos fazendeiros? Como é que era?

- Não, tinha uns que era bom né. Tinha uns que não, que era sacana, não prestava. Mas a gente tolerava de tudo. A pessoa que precisa ela tem que tolerar, você não acha? Tolerar né, pra quê. Nós precisava trabalhar, precisava ganhar o dinheiro, precisava comer. Nós tolerava bucha de fazendeiro. É uai. Tolerava. Fazer o quê, precisava trabalhar né.

- O que é bucha?

- Bucha é desaforo né. Desaforo deles. É... desaforo.

- Mas eles nunca maltrataram a senhora não?

- Ah, maltratava sim. Tinha uns que maltratava. Que se bobeasse, batia. Eu trabalhava nessa fazenda que eles gostavam de bater nos outros. Mas eu mim não batia, graças a Deus não batia não.

- Nos pais da senhora também não?

- Não. Mas em outras pessoas batia, boba. Judiava muito né. Judiava muito com os trabalhador, minha filha. Os trabalhador trabalhando e eles ainda judiavam né...

- E quantas fazendas que tinham aqui na região?

- Era muita fazenda, minha filha. Bastante fazenda. Umas cinco... daqui a fora né, tem umas duas ou três, aqui.

- Que ainda tem?

- Tem. Pra lá pra baixo tem, pra cá também tem. Eu trabalhei aí. Só saí de lá pra casar.

- E aí que a senhora veio morar nessa casa?

- É. Trabalhava de dia e vinha pra cá de noite.

- Mas era nessa casa aqui mesmo?

- Ah não, era primeiro numa casa de barro. Encostada aqui.

- Onde seus pais moravam nessa época?

- Lá embaixo. E eu casei e fui pras terras do meu marido. Nessa casinha de barro. E depois que ele morreu eu fiz essa aqui.

- E quanto tempo já tem que a senhora mora aqui?

- Ah tem muitos anos...

- Então faz tempo que ele morreu também...

- É, faz tempo.

- Os filhos da senhora ainda eram pequenos?

- Não, já eram grandinhos já. Já tinha uns vinte anos.

- E ele teve um problema de saúde?

- Ele deu derrame. Ele morreu dormindo. Trabalhou o dia inteiro, pra fazendeiro, e veio pra casa, tomou banho, deitou na cozinha que tava fazendo muito calor. Ele falou comigo, olha não vou dormir na cama não que tá fazendo muito calor, vou dormir na cozinha. A cozinha era grande né. Dormiu a noite inteira. Quando foi quatro horas da manhã eu chamei, que ele saía cedo né, eu tinha que fazer marmitta pra ele. Quando eu fui chamar ele, ele tava morto.

- Ele tinha quantos anos?

- Sessenta.

- Era novo até.

- É, era novo.

- Ele que fez a casa de barro, pra vocês morarem juntos?

- É.

- A senhora era muito apaixonada por ele?

- Era, demais. A gente se dava bem, minha filha, graças a Deus. O marido sendo bom a mulher tem que adorar, né. Ele judiar não judia. Ele era bom pra mim. Muita falta faz pra gente. Faz falta demais. Fica tudo mais difícil.

- Vocês tinham a mesma idade?

- É, não era muito mais velho não....

- Não tinha muita diferença não?

- Não. Ele ainda era meu primo.

- Seu primo, primeiro grau? Filho do seu tio?

- É. De parte de mãe.

- Então vocês se conheciam desde criança.

- Desde novo. Já vinha com aquela atenção, né. Criado tudo junto né.

- Quantos anos a senhora tinha quando vocês começaram a namorar?

- Ah com uns doze anos, por aí.

- E seus pais deixavam?

- Ah eles não sabiam não, boba. Eu namorava escondido. Era escondido [risadas]. Ninguém sabia. Quando sabia tava na hora do casamento. Tá namorando, tá namorando, então tem que casar. Eles ficaram sabendo aí... namoramos mais um ano mas pro casamento, pra casar.

- A senhora casou com quantos anos?

- Vinte anos. Mas já namorava ele há muito tempo, desde menino né. E era só ele. Só ele. Nosso namoro boba, era bom, porque ninguém sabia que nós namorava não. Era só nós dois mesmo [risada]. Ah, que gostoso... até casar. Graças a Deus. Pus véu e grinalda.

- Como foi o casamento da senhora?

- Ah, foi muito bonito. Foi uma noite muito bonita. Eu tinha um retrato, mas casa de pau a pique tem muita traça né. Foi, estragou tudo. Mas eu tinha meu retrato de casamento. Traça é danado pra cortar né. Elas pega um pedacinho até cortar tudo.

- A senhora casou aqui?

- Em Viçosa. Foi muito bom. Quem fez meu casamento foi seu cônego. Foi naquela primeira igreja velha... Depois que eles fizeram aquela nova.

- Na Silviano Brandão, naquela praça ali?

- É. Era ali. E o cônego não era daqui não, não era de Viçosa. Ele era moreno, um padre alto. Mas nunca vi bom assim. Ele fez meu casamento. Fez muito casamento aí no Buieieí. E eu fui com vestido branco, véu... paguei pra fazer o vestido né.

- Como era o vestido?

- Ele era de cetim liso, que usava muito né. Mas era muito lindo. Ficou muito bonito. Tinha muita costureira né, que sabia costurar.

- A senhora foi a primeira filha a casar?

- Não, a mais velha já tinha casado já... meu pai já casou ela. E a outra morreu sem casar né.

- Seus irmãos estão vivos ainda?

- Só a mais velha. Tá viva. Graças a Deus. Eu moro aqui, ela mora lá pra baixo. É aqui mesmo no Buieió, mas em outro lugar.

- A senhora era bonita quando era nova?

- Ah, era. Eu era! [risada] Os moço até brigava por causa de mim. E pra mim, pode brigar, que eu quero é um só. E ele tinha ciúme, gostava não, ele tinha ciúme demais. Mas fazer o que, os moço era tudo doido comigo.

- A senhora tinha o cabelo trançado?

- Tinha, eu mesma trançava. E fazia um topete assim. Era bonito.

- Aí os moços ficavam doidos mesmo [risada]...

- É. Mas namorado mesmo era só o meu Francisco. Ele que era minha paixão. A gente sente muita falta do marido da gente. Muita falta.

ANEXO 2 - Entrevista: Cidinha, 49.

Realizada às 13 horas do dia 09 de dezembro de 2013, na casa de Maria Aparecida de Oliveira Januário, no Buié. Viçosa, Minas Gerais.

- Qual o seu nome completo?

- Maria Aparecida de Oliveira Januário.

- Quando você nasceu?

- No dia dez de janeiro de 1965.

- Aqui no Buié?

- É. Foi.

- Foi nessa casa?

- Não, foi na outra casa que minha mãe tinha lá mais pra cima. Eu nasci numa casa de pau a pique, de sapé, do jeito que eles falavam né. Aí, eu nasci assim. Fui criada assim um tempão, até depois de casada mesmo eu ainda morei em casa de barro de sapé.

- E depois que vocês casaram?

- Depois que passou um tempo que a gente tava casado, morando em casa de barro de sapé, foi que a gente construiu essa aqui. Com muita luta. Muita luta mesmo. Foi fácil não.

- A sua mãe continua morando na outra casa?

- É, na casa dela ali do ladinho, naquela porteirinha que você passou. Minha mãe mora lá. Desse jeito.

- Você tem quantos irmãos?

- Seis irmãos homens, uma mulher que sou eu. Sete comigo.

- Você é das mais novas ou mais velhas?

- Ah eu sou... do meio. Do meio dos dois mais velhos.

- Então é só você de menina?

- Só eu. Só eu de menina. Mãe teve outras mas uma nasceu e morreu com dois anos, e outra nasceu um dia e morreu no seguinte. A gente não tem explicação porque nasceu na roça, ficava na roça, então não tem explicação.

- E o que você lembra da sua infância? Dos seus pais, dos seus irmãos, do dia a dia...

- Ah eu lembro assim muita luta né, da minha mãe. E às vezes meu pai era meio vacilão, ia muito pra São Paulo e deixava a gente sozinha às vezes até passando fome. Mãe criou a gente com muita dificuldade. Então minha infância assim, falar de infância... a gente não teve uma infância muito boa. Então foi uma infância muito difícil, e muito dolorosa mesmo. Tem muitas marcas que a gente prefere nem falar, nem lembrar delas.

- Tá bom, você fala aqui o que sentir à vontade pra falar.

- Foi muita coisa boa que passou do tempo de criança, mas que a gente perder a maior parte.

- A sua mãe trabalhava onde?

- Dentro de casa mesmo e meus irmãos iam crescendo e eu ia ajudando ela a cuidar da roça, milho, feijão, as coisas que dava, e tinha as pessoas que davam apoio. Mas o meu pai ficava muito distante, ele ia pra São Paulo, deixava a gente. E mãe confiava que ele tava lá trabalhando pra trazer assim as coisas pra gente melhor mas nunca chegava essa coisa, que ela esperava, que a gente também sonhava que ele chegasse com aquela coisa pra gente né. Então foi uma infância muito difícil, e mãe teve uma luta muito grande pra criar a gente assim, praticamente sozinha.

- Você lembra de você percebendo essas coisas ainda pequena?

- Eu lembro. Com certeza. Comecei a perceber isso bem pequena, com quatro, cinco anos e fui crescendo e vendo isso.

- Como você acha que lidou com isso? Você ficava triste, com raiva?

- Uai, de muitas vezes a gente ficava muito triste. Principalmente na hora que chegava o almoço, mãe não tinha o que pôr na panela pra nós. Era muito difícil. E quantas vezes a gente foi pra escola sem comida, e às vezes na escola nem merenda tinha pra gente naquela época. Hoje eu tô com 48 anos, olha pra você ver, esse tempo aí atrás.

- E onde era essa escola?

- Ali embaixo mesmo, na estação velha. Perto da Violeira.

- Ah, tá. E vocês pegavam ônibus?

- Não, a gente ia à pé! Fazia esse caminho todo à pé, virava pelo lado do morro que chegava mais rápido. E ia pra lá.

- Com quantos anos você começou a frequentar a escola?

- Eu comecei com seis anos e poucos, e ia com meus irmãos maiores que eu. E depois com sete anos que ingressou mesmo assim, pra começar a estudar mesmo. Aí fui até os onze anos só. Passei pra quarta série, comecei e tive que parar porque eles não tinha condição nem de comprar meu livro. Meu primeiro livro da quarta série. Então eu parei de estudar.

- Mas você gostava da escola?

- Nossa, eu amava. Tudo que eu queria era ter estudado e me formar. Ou professora, ou advogada. Esse era meu sonho. Nossa, e como eu queria isso viu. Mas não teve jeito, fazer o quê.

- E de pequena você já sabia que gostaria de ser advogada?

- Eu sabia! Porque eu ouvia os outros falar o porquê do advogado, porque existe advogado? Pra defender causas. Hoje eu sei que é Direito né. Mas quando eu era pequena o pessoal falava, ah, vai estudar direito. Mas eu não sabia o que era. Pra mim estudar direito era sentar e escrever tudo organizado [risada].

- [risada] E estudar bem...

- E estudar bem. Mas depois que fui crescendo, que entendi, ah Direito é que vai lá defender as pessoas. Né, juiz, advogado, promotor. Então é isso. Então é isso mesmo que eu quero pra mim. E fui com aquele sonho pra escola, mas quem disse que eu pude realizar.

- Você já conheceu algum advogado?

- Conheço, bastante.

- Tem também advogado bom e ruim, né?

- É. Tem os bons e os ruins, com certeza. É verdade. É desse jeito.

- E... Quando você era criança você ajudava sua mãe em casa?

- Ajudava. E a vida era bem difícil. A gente tinha que carregar lenha nas costas, na cabeça né, fazia rodinha de pano punha na cabeça e ia pros matos buscar lenha. Buscava aqueles feixes de lenha grandes na cabeça, né. Era uma luta danada. Até água era carregada. A gente tinha que carregar água pra casa, de um lugar longe pra servir em casa...

- De onde vocês pegavam a água?

- Lá em cima, mais pra cima lá. No dia que você vier com mais prazo eu vou andar com você e te mostrar lá. A gente pegava água pra descer e trazer pra casa. E era muita água que tinha que carregar mesmo. Aí quando mãe ia lavar roupa então que era mais sofrido ainda. Nossa vida não foi muito fácil não, boba. Não foi mesmo.

- Como vocês iluminavam a casa?

- Lamparina de querosene. Era assim. Ih, maior parte da nossa vida foi assim. Até os vinte, vinte e oito anos, eu já tava até casada mesmo, e iluminou muito com lamparina de querosene. Era muito ruim né, mas tinha que ser daquele jeito porque não tinha outro jeito. Até que foi aprovada a iluminação rural pra nós né.

- Dentro de casa tem luz né?

- Hoje?

- É.

- Hoje tem, tem luz elétrica né. Tem água que sai, água tratada, graças a Deus.

- E isso veio quando pra cá?

- Ah, já tem uns quinze anos já que tem.

- E quando você era pequena os meninos ficavam na roça né?

- Ficavam na roça. Então, tinha meu irmão mais velho que até já morreu de acidente de bicicleta. Caiu no asfalto, bateu a cabeça e morreu. Aí esse aí que carregava mesmo a família nas costas.

- Ele era o mais velho de todos?

- Ele era o mais velho. Que quando minha mãe casou, ela já tinha ele de outra pessoa, aí papai casou com ela e assumiu ele. Mas aí o que aconteceu, ele foi crescendo e ele que carregava a família, foi crescendo carregando nós nas costas. Que papai não tinha muito juízo, viajava muito, deixava a gente jogada, só com mãe, e pé de boi era meu irmão, esse mais velho. Ele sofreu demais, tadinho, ele sofreu muito.

- Qual era o nome dos seus pais?

- José Horta de Oliveira e Aparecida Maria Godoi Oliveira. E meu irmão era José Antônio de Oliveira, o mais velho, que morreu. Ih, uma turma boa meus irmãos.

- Você se dá bem com eles?

- Dou, graças a Deus, com todos, graças a Deus.

- Quando vocês eram crianças, como era a relação de vocês? Vocês brigavam muito?

- Brigava, naquela época a gente brigava muito, brigava demais mesmo. Então depois o meu irmão mais velho foi crescendo, virando rapazinho, ele ficou assim. Eu não sei se é porque ele tinha que ter muita responsabilidade com nós que era mais novo, ele passou a ficar muito revoltado e agressivo, que ele não teve infância nenhuma, coitado, mas nenhuma mesmo. Aí ele às vezes batia, às vezes também a gente foi crescendo e pegou pra disputar no braço um com o outro, então era uma vida muito difícil e deixou essas consequências, deixou essas consequências pra mim né. De briga, muita revolta, muita luta, mas acho que era tudo de jeito da vida mesmo.

- Ele era muito mais velho que os outros?

- Ele era... Por exemplo, meu irmão do meio, mais velho que eu, tá fazendo cinquenta e dois anos hoje. E meu irmão mais velho se tivesse vivo ele fazia cinquenta e oito. Ele era o mais velho, mas nem tanto. E ele que carregava a responsabilidade do meu pai.

- Ele era quase um pai pra vocês, né.

- É. Ele era.

- E de amizade, com outras meninas, como era?

- Assim, tinha as meninas, que eu gostava de brincar. Mas aquela liberdade gostosa, de ir pra casa, mãe não deixava.

- Por quê?

- Muito junto ela não deixava não. Toda vida ela teve essa mania, de prender a gente demais, querer a gente muito junto, não deixava a gente sair, passear.

- Você acha que ela tinha medo de vocês saírem?

- Não sei, não sei por que ela fazia isso. Às vezes porque tinha medo, ou às vezes também por capricho mesmo, deixar a gente preso.

- Mas mãe faz isso né.

- Faz. Mãe fica prendendo o filho, acha que tá protegendo. Isso, pelo contrário, tá atrapalhando a vida dos filhos.

- E como você era quando criança?

- No início eu era bem tímida. Depois que eu fui virando mocinha aí fui me abrindo mais, me soltando mais com as pessoas, via as pessoas, conversava, gostava muito de conversar. Aí aquela timidez foi embora. Na medida que eu fui virando mocinha, dos doze, treze, quatorze anos, aí foi melhorando. Comecei a comunicar bem mais fácil né. Foi muito bom.

- Por que você acha que era mais tímida antes?

- Ah, sei lá menina, a gente não saía muito pra conversar com ninguém, então isso dificultava. Aí depois a partir do momento que a gente começou a ir pra escola, aprender alguma coisa, a gente tinha um olhar diferente. Aí aquela timidez foi embora. Desse jeito.

- O que você se lembra da escola?

- Era uma professora só, nos primeiros tempo de sete a oito anos, era só uma. Eu nunca tomei bomba até chegar na quarta série, eu não tomei não. Aí no primeiro, no segundo ano, foi a mesma professora. Eu lembro assim que ela era uma pessoa muito brava e rigorosa, mas valia a pena, quem dera se fosse todas assim, que hoje os meninos teria um futuro melhor. Que hoje eles não tem muito aperto pra estudar né. Aí essa professora do primeiro, segundo ano era maravilhosa, que ela apertava muito mas a gente se interessava mais pelos estudos. Aí depois foi mudando de professora mas cada uma com seu jeito. Mas aí eu tenho boas lembranças. Eu

lembro muito da professora Aparecida, que hoje ela é aposentada, a Marieta também é aposentada. Mas foram pessoas maravilhosas que ensinou pra gente muita coisa. Não só o estudo, que o estudo é importante, mas o valor que a gente tem como pessoa, como ser humano. Isso foi muito bom.

- Você se lembra de alguma coisa específica que elas falavam?

- Saber valorizar e respeitar o corpo. Não deixar o corpo de qualquer maneira, isso me faz lembrar muito, porque o Buieie tem uma dificuldade muito grande, que as meninas antes de virar mocinha já tá transando de qualquer maneira. E essas professoras ensinou a gente a valorizar o corpo. E respeitar. Não fazer de qualquer maneira. Tem que ter responsabilidade. Então eu aprendi, cresci muito com elas. Me ensinou muito. E isso foi bom demais. Foi a melhor parte, que aprendi lá, foi isso. Que mãe tinha vergonha de falar disso com a gente, e elas ensinou. E eu cresci muito com isso, e graças a Deus eu pude ensinar isso pras minhas filhas. Graças a Deus. Agradeço muito a Deus por elas.

- E quando você foi ficando mais mocinha, começou a namorar, como foi?

- Fácil não foi não, que mãe não deixava a gente nem sair pra namorar. Aí depois, com o passar do tempo eu já tava com dezenove anos, eu namorei com um só. Cinco anos. Aí eu fiquei grávida, com vinte anos de idade. Nossa menina! E foi uma rejeição só da minha família, mãe queria me escorraçar de todo jeito, pai, então não tinha onde ir. As minhas amigas não são daqui, todas foram embora pra São Paulo, tá todo mundo muito bem lá. E eu não tinha com quem conversar pra contar o que eu tava passando. Aí quando meu homem, meu marido voltou pra casar comigo, tava faltando dois dias pro meu filho nascer. Eu tinha passado vergonha com a barriga toda, aquele tempo todo. Todo mundo ia na casa de mãe só pra ver minha barriga. Pessoal era muito curioso, sofri muito com isso tudo. Mas nossa, sofri demais. Eu tinha tanta vergonha quando as pessoas ia, e ficava só olhando pra minha barriga, aí ele voltou só depois que faltava só dois dias pro menino nascer.

- E eles nem disfarçavam?

- Não, ninguém disfarçava. Simplesmente ia com o olhar curioso e maldoso, só pra me humilhar mais.

- Você começou a namorar ele com cinco anos então?

- Isso, foi. Namorei ele cinco anos.

- E ele era de São Paulo?

- Não, ele era daqui mesmo, começou a morar no Canaã. Depois do Canaã ele veio morar no Córrego Fundo, lá na virada. Depois de lá o pai dele morreu e ele foi morar em Viçosa, de Viçosa voltou pra morar aqui que era a terra dele, da mãe dele.

- E aí depois que ele ficou sabendo que você estava grávida?

- Penerou fora de mim!

- É mesmo?

- Me deixou oito meses direto sem ver ele, sem ter muito contato. Aí depois papai meus irmãos foram conversando, a vó dele lá de Canaã, muito velhinha, muito querida lá, que mandou um recado pra ele que isso não se fazia nem com um cachorro, quanto mais com um ser humano. Aí foi que ele voltou, organizou o papel, e quando foi que ele voltou pra cá já tava faltando dois dias pro meu filho nascer. Nós casamos no sábado e na segunda-feira o menino nasceu de madrugada. Ah, eu não queria casar mais não, boba.

- Você não queria não, né?

- Ah, eu não queria mais não. Naquela época eu não queria casar mais não. Mas mãe e pai me obrigou a casar.

- Tinha uma pressão né, mulher não podia ser mãe solteira né...

- É. Isso. Não podia. Ih, fui muito rejeitada por eles. Nossa senhora, meu Deus. Ô sufoco que passei naquela vida viu.

- Qual é o nome dele?

- Emílio Januário.

- Mas aí vocês ficaram casados?

- Ficamos. Graças a Deus a gente, depois que casou, não teve problema nenhum não sabe. Não teve nada de ter raiva um do outro, não. A gente se dava até bem, graças a Deus. Mas foi um sofrimento muito grande, porque, ah, cê é boba, namorar cinco anos com a pessoa e depois você se vê sozinha, com todo mundo te humilhando, sei lá menina, é muito ruim.

- Você ficava muito triste nessa época, né.

- Nossa, chorava dia e noite sozinha. Não tinha com quem conversar, contar o que eu tava passando. Não tinha contato nenhum com minhas amigas que tavam em São Paulo. Era muito triste.

- Ele tinha quantos anos?

- Ele tava com vinte e dois anos.

- Ah, ele tinha a sua idade também, ele ficou com medo né, era novo.

- Novo também. Ele tava com vinte e dois.

- E o que esse pessoal arrumava lá em São Paulo?

- Foram embora. As minhas amigas foram embora porque foram com pai e mãe mais novinha, assim, tipo uns dez, doze anos. Achava oportunidade de serviço, foi embora. A família né. A mãe e o pai, levando os filhos.

- E você conversa com elas, não?

- Converso, hoje tenho um contato muito bom.

- Como vocês conversam?

- Por telefone, o email, as minhas filhas tão sempre comunicando. A outra que tem o telefone da mesma operadora liga pra lá sempre. Aí tá sempre trazendo uma notícia.

- E eles conseguiram ter uma vida legal lá?

- Conseguiram... Ih, minha filha construíram a vida muito bem lá. Todo mundo tá bem colocado. Tem muito espaço, casa boa, espaço bom pra morar, tem carro, tem tudo que as pessoas tem que ter de organização, eles tem. Graças a Deus.

- Você também queria ir pra São Paulo quando era mais nova?

- Ai, como queria menina! Meu padrinho de batismo mora lá. E ele é bem rico lá. Aí ele queria vir me buscar pra eu poder estudar, pagar tudo pra mim, e formar. Mãe não deixava.

- Ele era amigo da sua mãe?

- Ele era meu padrinho, amigo da família inteira.

- Qual é o nome dele?

- Totonho. Antônio da Vage, que eles fala. Mas é uma pessoa muito importante, muito boa.

- E ele tá lá em São Paulo ainda?

- Tá velhinho, velhinho, mas tá lá.

- E ele faz o que?

- Agora ele tá aposentado né. Mas acho que ele trabalhava, como, aí meu Deus esqueci, esqueci mesmo, na hora que eu lembrar que ele tiver aqui eu te falo. Eu sei que foi um trabalho muito bom lá, formou os filhos deles todos lá. Uma condição muito boa de vida. Mas minha mãe não deixou, fazer o quê. Tive que ficar né.

- E quando você foi mãe, como foi? Foi um menino, o mais velho?

- Foi, um menino. José Augusto Januário. Ah... eu só sei que pra mim foi uma novidade muito grande, que eu não sabia nem o que era ser mãe, e ao mesmo tempo foi uma descoberta, que ser mãe não é tão ruim. É importante pra gente saber valorizar o pai e a mãe que tem. Eu cresci muito com esses meus filhos. Graças a Deus. Aprendi muito com os nascimentos deles. E depois do primeiro, passou um tempo, e eu tive duas vezes gêmeos. Praticamente seguido.

- É?

- Eu cresci muito mais ainda. Depois do primeiro, passou dois anos e meio e eu tive as duas meninas. Depois eu tive dois meninos, seguido assim. Agora das meninas foi curto prazo, foi um ano e pouquinho, um ano e um mês. Aí um dos gêmeos morreu com três meses e quinze dias.

- Nossa, cinco pequenininhos...!

- Aí eu sofri demais, nossa Senhora. Eu lembro que quando nasceu os gêmeos, eu tinha tanto leite, que eu até passava mal com tanto leite.

- Aí você tirava e guardava?

- Não tinha, não podia tirar. Porque eu tava grávida deles, aí ninguém podia tomar, não podia doar pra ninguém. Eu tava grávida dos dois meninos e alimentando as duas. Aí eu fiquei doente na época, muito fraca, e aí fui pro hospital pra tomar soro e fiquei lá três dias. Senão

eu perdia os outros dois meninos. Aí eu tinha leite demais, nossa. Era preciso o pessoal ficar tirando leite do meu peito pra jogar fora. Diz que não podia tirar pra dar pra elas porque faz mal. Diz que é assim. Eu não sei porque.

- É... você casou num dia, e dois dias depois teve o primeiro filho?

- É.

- O que você se lembra do dia do casamento?

- Ah, meu Deus do céu... eu lembro assim, que quando eu saí pra casar tava tudo tranquilo, mas quando nós voltamos foi uma choradeira só. A minha cunhada chorando de um lado e eu de outro. Irmã do meu marido, a caçula. Nós choramos demais. Não sei o motivo não. Na frente de todo mundo, disparamos a chorar e foi chorando, aquelas duas bobas lá disparando a chorar sem saber. E choramos muito, mas muito mesmo.

- Depois que você casou você foi morar com a família dele?

- Fui, morar com a mãe dele, nós moramos lá uns dois meses e depois nós já viemos pra uma casa ali em cima que era nossa. Mas lá morava ele, as duas irmãs, os quatro sobrinhos e a mãe dele. Sobrinhos filhos da irmã mais velha.

- Você se dava bem com a família dele?

- A gente se dava assim, com as cunhadas, entre aspas. Mas a mãe dele era maravilhosa. Ô mulher boa. Uma sogra maravilhosa, cuidava de mim demais, ela era boa demais.

- Qual era o nome dela?

- Nicolina Rosa Ferreira. Era uma mulher maravilhosa, gente, mas boa demais. Muito lutadora, trabalhadeira. Era muito abençoada. Eu falo isso com todo mundo, eles falam, você é a única que gosta da sogra. Mas ela era assim. Eu aprendi muito com ela. O que atrapalhava um pouco era as meninas, filhas dela.

- O que você aprendeu com ela?

- Tudo que ela sabia de bom, ela passou pra gente. Por exemplo, quando eu comecei a visitar... vou te contar uma história que ninguém gosta de contar, mas eu gosto. Quando eu comecei a visitar cemitério, no dia dos mortos. Eu não sabia que era tão importante. Ela me ensinou isso. Ela me levava, eu tava ainda bem nova. Me levava pros bailes. Mãe não

deixava, mas com ela podia. Me ensinava, olha, baile é bom, mas respeitar é melhor ainda. Me ensinou muita coisa. Organizar as coisas em casa, aprendi muito. E ela ensinava mesmo com aquele amor, tudo que fazia, passando aquela coisa gostosa, aquele amor. Ela ficou pouco comigo mas foi bom demais.

- Quem ela ia visitar no cemitério?

- O meu sogro, que já tinha morrido. A gente ia lá em Viçosa. Ela começou a visitar os túmulos do meu sogro, da mãe e dos avós dela, e ensinando a gente que a gente devia cultivar aquilo. Eu nunca mais parei de ir. Eu gosto de visitar, gosto mesmo. Até sem ser o dia de finados, assim, eu vou, umas duas vezes no ano, pra visitar. É muito bom.

- E quem você visita lá?

- Ah, eu saio assim visitando as pessoas, meus conhecidos, agora eu visito o túmulo do meu pai, das minhas afilhadas que morreram, meu sobrinho, meu irmão, e meus amigos que estão lá. Vou só pra visitar mesmo. É uma coisa que ela me ensinou e eu vou levando. Eu tinha um medo de cemitério, um pavor e graças a Deus isso tudo acabou.

- Você conseguiu ter menos medo da morte?

- Você acredita que eu não tenho? Eu acho que tem tudo a ver, porque eu comecei a visitar lá. E hoje eu faço parte de muitas pastorais. Então tem a pastoral da esperança, que é quando morre alguém da família, a gente vai dar aquele suporte, aquele apoio. Então nesse aprendizado eu aprendi muito que a morte não é o fim. Pra quem acredita, ela é o começo de uma nova vida. Então eu não tenho medo mais da morte, eu não vejo mais a morte como uma coisa temerosa, com aquele medo. A gente viu que a morte faz parte da vida, a morte faz parte do nosso viver. Então, não é assim.

- E você acha que vai encontrar com seu pai, seus amigos?

- Ah, eu assim, eu espero que um dia eu possa encontrar com essas pessoas que eu amo. Deus abençoe que eu possa né. Deus há de me dar essa luz.

- É... vamos voltar um pouco. Você tinha vinte anos então e estava com um filho.

- Isso.

- E como foi ser mãe de primeira viagem?

- Eu tinha medo né, porque até então ninguém tinha me explicado nada. Eu não sabia de nada. Mas graças a Deus nessa parte foi fácil, que minha sogra me ajudou muito. Me ensinou a cuidar do bebê. Assim do básico de ter uma família, como manter uma casa. Ela me ensinou demais.

- Seu primeiro filho era um bebê chorão?

- Não, ele era tranquilo. Mas depois com o tempo ele levou um tombo, menina, e começou a dar crise, da sequela que deu nele, na veia da cabeça dele. Aí levou um tombasso de cabeça do chão, mas quase que morreu. Aí passou uma semana e começou a dar crise, aí teve que tratar em Belo Horizonte... é uma história de milagre, sabe. Aí eu comecei a rezar, pessoal me ensinou. E eu pedi pela interseção de São Pedro, de Nossa Senhora, que curassem meu filho. Eu tinha que tratar quatro, cinco anos lá em Belo Horizonte. Só foi dois anos. No fim dos dois anos, que foi fazer os exames, o menino tava curado. Graças a Deus. Muito obrigada, Senhor. Nossa, eu via ele assim, quando dava a crise passava mais de cinco horas pra voltar, travava todo. Eu ficava desesperada com medo dele morrer, saía correndo daqui até hospital em Viçosa, daqui até lá. Chegava lá, os médicos já me via e já ia botando ele pra dentro. Lá no São João Batista, que eu ia mais. Nossa mas foi uma vida viu, muito difícil.

- Qual era a idade dele?

- Ele aí já tava com dois aninhos, dois aninhos e pouco. Muito pequenininho... nossa sofri demais vendo ele assim. Aí foi até a idade dos três anos e pouco ele tratou lá, em Belo Horizonte. Daí pra frente Deus ajudou que ele ficou curado.

- E você ia com ele pra Belo Horizonte?

- Meu marido e meu irmão às vezes ia, eu ficava com os dois pequenos.

- Mas não tem nem explicação, a cura dele?

- Não tem. Não tem. Diz que foi uma coisa muito esquisita.

- E nesse meio tempo você ficou grávida das gêmeas?

- Fiquei, das duas. Da Maria Emília e da Emília. A Maria Emília casou, tá casada. Faz três anos que ela casou, agora dia 23. E essa daí tá solteira ainda. Mas elas não se parecem não. Uma parece com o pai, a outra parece um bocado comigo. Agora, os meninos, nossa, era a cara de um o focinho de outro.

- Você sabia que estava esperando gêmeos?

- Quando era os meninos sim. Com eles eu fui correndo fazer o ultrassom porque tava só com quatro meses e minha barriga já tava grande demais. Eu falei, isso não tá normal não, vou lá fazer ultrassom. Aí eu procurei a médica que sempre cuidava de mim e falei ô doutora, eu tô assim, eu tô achando que a minha barriga tá crescendo demais da conta. Aí foi só fazer o ultrassom, aí ela falou, é que você tá com mais dois na barriga, é isso. Aí eu falei, nossa, como é que eu vou fazer.

- Como você recebeu a notícia?

- Eu fiquei desesperada! Porque naquela época meu marido tava desempregado, eu com esses meninos pequenos, como é que ia fazer? Não tinha muito apoio das pessoas. A mãe dele naquele tempo já tinha morrido, que era quem dava mais apoio pra gente. Ela deu um problema no coração, caiu e morreu assim, morreu trabalhando. Era boa demais. Aí ficou eu e ele. Aí Deus ajudou que ele conseguiu um emprego aí ajudou que os meninos foi crescendo.

- Seu marido trabalhava em que?

- Primeiro ele trabalhava em lavoura de café. Depois foi trabalhar em construção, lá por Viçosa afora. E hoje ele é armador, faz a estrutura desses prédios, armação de ferragem essas coisas, ele aprendeu essa profissão.

- Lavoura de café era onde?

- No Silvestre, lá fora. Ele trabalhou muito no sítio lá de um pessoal. Trabalhou uns oito anos com eles. Bem tempo mesmo. Quando a gente tava namorando ainda ele tava trabalhando na lavoura de café. Aí depois foi a primeira construção. E foi daí pra frente não parou mais, só trabalha na obra.

- E como foi descobrir a maternidade?

- Eu descobri o lado materno, um lado de muita responsabilidade que um filho não é brinquedo, né. E graças a Deus eu cresci muito com isso. Porque foi um susto quando de repente eu fui ter o segundo filho, eu nem sabia que tava grávida de gêmeos, e aí era duas meninas. Meu Deus.

- Você nem sabia então?

- Não, das duas eu nem quis fazer o pré-natal nem ultrassom. Aí foi assim, chegando na hora de ter as meninas, eu não sabia que era gêmeas, nem o médico. Aí teve uma, quando o médico ia começar a costurar minha barriga a última apontou o pezinho pra fora. Senão tinha ficado na barriga, porque nem eu sabia que eram duas. Aí foi assim, uma virada.

- Então foi cesariana né?

- Foi, foi.

- O primeiro também?

- Não, o primeiro não. Mas como eu tinha tomado um tombo com as duas meninas... Eu tomei um tombo com uma lata d'água na cabeça e um balde assim, carregando do lado. Aí caí, as meninas iam nascer em abril, elas nasceram em março. Porque um pezinho delas veio aqui, no tombo, já saiu pra fora.

- Nossa, o pezinho ficou pra fora?!

- Ficou pra fora. Aí dali eu já levantei e já gritei o meu marido. Acho que no impacto do tombo rompeu a bolsa, acho que foi. Mas ainda vim andando à pé até a casa de mãe, pra deixar o mais velho com mãe. Aí ele veio, aí mãe falou, do jeito que ela tá não pode ficar, tem que levar pra rua. Aí quando mãe foi ver, não pode mesmo, tem que ir pra rua agora. Aí a gente foi. Chegou lá o médico falou, do jeito que tá ela não pode voltar pra casa não, vamos fazer cirurgia nela amanhã cedo. Do jeito que tá aqui não tem nem condição de ser parto normal. Aí fez, fez a cirurgia, quase que fecha uma das meninas na minha barriga. Aí nessa hora, desde a hora que as meninas nasceram, eu pensei, meu Deus, dois menino no colo ao mesmo tempo! Já imaginou se adocesse junto! E foi dito e feito, que tudo que eu pensei foi acontecendo. Tudo que eu pensei naquela hora, aconteceu. Pensei só na doença. E quando começar a chorar meu Deus, essa choradeira de dois de uma vez, como é que eu vou arrumar? Como é que eu vou colocar todos os dois no peito pra mamar? Eu entrei naquele desespero. Mas depois eu pensei, não Senhor, se o Senhor me deu, é porque o Senhor vai me capacitar pra cuidar direito uai. O Senhor não vai fazer comigo uma coisa que eu não vou aguentar. E graça a Deus foi tranquilo nessa parte. Aquilo que eu não dava conta, eu pedia ajuda, e graças a Deus tinham pessoas muito boas que me ajudou muito. Me apoiou muito. As pessoas de mais idade, que até me viu crescer.

- A Dona Zabé te ajudava?

- Ajudava também. Ajudava muito. Ela é muito boa. Ela, a minha outra mãe de gente que morreu.

- E então as meninas são Emília e Maria Emília?

- É. E os outros dois é Fábio e Fabiano. E o outro é José Augusto, que é o primeiro.

- E elas choravam juntas, tinha isso mesmo?

- Elas eram brava demais, meu Deus do céu! Quando começava a chorar, ia chorando que nada fazia acabar. A que casou agora, você tinha que ver. Ela começava a chorar lá no cantinho da cama, e vinha chorando até chegar na beirada. A gente ficava impressionada de ver aquilo. Essa outra chorava mas ficava quietinha, ela é mais miudinha. Mas a outra maior, meu Deus. Me deixava doida. Mas Deus ajudou que passou. O mais difícil mesmo, Cibelih, foi que as duas começou a andar com três anos e meio. Eu não sei se é porque elas nasceram muito fraca, tinha que ficar muito no hospital, mas demorou três anos e meio pra andar.

- Depois que elas nasceram ainda precisaram ficar muito no hospital?

- Ficou, ficava internada sempre. Elas ficaram tão magrinhas, magrinhas na época que eu pensei até que ia morrer, menina. Eu acho que elas não tavam completamente preparadas pra nascer. Essa daqui logo depois que nasceu teve que ficar no oxigênio e na incubadora o dia inteiro. E elas eram miudinhas, essa daí pesou um quilo e trinta gramas. A outra pesou dois e cinquenta. Deu trabalho demais, muito trabalho. Era aquele negocinho pequenininho, miudinha...

- E aí quando os outros nasceram então elas ainda não andavam não?

- Não, não andavam não, uai. E eu com quatro pequeninhos pra cuidar, cinco com o José Augusto, que nessa época ainda dava crise. Tinha época que ele dava crise e eu tinha que gritar socorro pros outros quando alguém chegava e ficava com os outros quatro eu saía de galope com ele, nem importava de dar atenção pros outros. Saía correndo.

- Quando os gêmeos nasceram ele tinha quantos anos?

- Ele tava com três e pouquinhos. Mas era uma criança muito levada. Teve uma vez minha filha, que ele pegou o gadernal que ele tomava, e tomou o vidro todo. Eu não tinha visto, eu tava de resguardo que eu tava há dez dias em casa, que os dois meninos tinham nascido. Ele tomou o vidro todo, que era um vidrinho muito gostoso, sabor de morango, ele tomou todo,

ficou ruim demais. Mas eu passei aperto! Aí Deus ajudou que pessoal achou o pai dele rapidinho, aí correu pro hospital e fez lavagem, que limpou rapidinho e não deu tempo de fazer efeito. Senão tinha morrido. Ele não ia aguentar.

- E nisso os outros que tinham nascido estavam com que idade?

- Dez dias. E as meninas sentadinhas lá que não andava. Eu não sabia se cuidava das meninas. Tava só eu e Deus. Ou se prestava atenção nos dois. Ou prestava atenção nele, que saiu tomou o vidrinho e eu nem vi.

- O tombo que ele levou, você sabe como foi?

- Sei. Ele era muito levado. Ele tava em cima da cama, e segurou num pauzinho que tinha de enfeite da cama e caiu cá na frente, e já bateu e ficou todo esquisito lá no chão. Ele pendurou naquilo e deitou pra trás, confiante né. Bateu com a cabeça entre a parede e o chão. Uma semana depois ele tava dando crise.

- Você acha que nessa época, com os meninos, com todos os problemas, você passou por um momento de crise?

- Passei. Passei demais, meu Deus. Como sofri naquela época viu, foi muito pesada.

- E o que te deu força?

- Deus, e Nossa Senhora, e o nosso padroeiro São Pedro. E as pessoas, Dona Rosa, Dona Zabé, Vera, prima do meu marido.

- Nessa época a senhora começou a rezar mais?

- Sim, aprendi a rezar mais, que as pessoas me ensinaram a ser mais fervorosa, ficar mais perto de Deus. Aí Deus me ajudou demais.

- E quando foi ficando mais tranquilo?

- Quando o mais velho sarou, graças a Deus. Depois que ele curou, com três anos e meio, quatro aninhos, aí as coisas ficou mais fácil. Aí as meninas também já tava andando... mas aí um dos meninos já tinha morrido.

- Já? Ele morreu de que?

- Olha, eu não sei direito como contar, Cibelih. Só sei que os dois tavam internado com pneumonia, e já tava na hora de ir pra casa. No domingo eu fui, e as enfermeiras falaram, amanhã você volta pra buscar o neném, que já vai tá de alta, e tavam brincando mesmo, que ele tava todo saudável. Aí eu falei, então tá, amanhã eu volto que vou trazer uma companhia comigo, que não aguento carregar eles sozinha. Aí elas falaram, ah, vem na terça-feira então, que fica mais fácil pra senhora, a senhora vem na hora da visita. Aí eu fui na terça-feira e cheguei lá e um deles morreu no meu colo. Eu perdi meu chão.

- Mas como assim? Quando você pegou o bebê ele morreu?

- Eu não sei! Quando eu peguei ele assim, que eu cheguei procurando, no mesmo lugar que tava já não tava mais. Achei estranho. No mesmo lugarzinho que eu deixei no dia que brinquei com eles, eles mamaram, riram pra mim, no domingo de tarde. Quando cheguei na segunda, os meninos já não tavam no mesmo lugar, trocaram de berço, botou pro fundo. Eu perguntei pras enfermeiras, era Rita e Cida. Eu perguntei, uai Cida, cadê meus meninos, eles tavam aqui uai, nesse berço aqui, por que vocês trocaram meus meninos de lugar? Aí ela falou, não, eles tão lá no fundo. Eu falei, mas tem alguma coisa acontecendo, que você tá muito séria. E a outra enfermeira que me conhecia mais escondeu. Eu falei, tem um negócio errado nisso. Quando eu fui ver meus dois meninos, um tava praticamente morto, e o outro conseguiu mamar um pouquinho. O que eu tava mais cismada com ele era o mais gordinho sabe, o maior. Eles pareciam demais, pareciam demais um com o outro. Aí o mais gordinho, quando eu fui dar mamar pra ele, ele morreu no meu colo. Eu fiquei desesperada demais. Eu perdi meu eu naquele dia, perdi o chão, eu não sabia onde que eu tava, fiquei desesperada. Eu só lembro que cheguei pra uma das enfermeiras, agarrei ela no peito, e perguntei: por que você fez isso com o meu filho? Aí quando passou, depois do velório, do enterro do outro né, que morreu. A médica deixou escrito lá na portaria: tá no critério da mãe ela escolher o médico que quiser, isso não é responsabilidade minha mais. Falou, deixou lá. Aí quando foi, assim que enterrou o outro eu nem vim pra casa direito, que eu fiquei desesperada do outro também morrer né. Aí eu fui procurar Dr. João Bosco, que ele que cuidava dos meninos. Procurei ele e pedi se ele podia ver o caso do meu menino. Ele falou que era remédio errado que a doutora tinha dado.

- Sério?

- E ela falou que o menino tava com infecção no sangue, que não tinha volta, que um tinha morrido e o outro ia morrer. A infecção no sangue do menino era remédio errado que ela tinha aplicado. Remédio que era pra um adulto ela aplicou nos meus filhos, quase que matou os dois. Sorte que um sobreviveu.

- Você tinha quantos anos?

- Nessa época eu tava com vinte e três anos.

- O mais velho ainda tinha crises?

- Tava acabando de ser curado. Deus é muito poderoso, me ajudou muito. Nossa, nem tem como agradecer, tanta obra boa que Deus fez na minha vida.

- Mas como ficou o caso do bebê?

- Não deu pra fazer nada. Papai me falou, não, minha filha, nós somos pobres, vai doer muito mais em você ainda. Eu deixei pra lá. Deixei com aquela dor toda, deixei pra lá. Aí passou menina, foi oito meses direto, em dando um branco. Eu tava assim conversando com alguém, de repente me dava um branco, aonde eu estivesse, eu não sabia quem era eu, quem era o outro, aonde eu tava, eu perdia, eu ficava mais de meia hora sem saber aonde eu tava. Oito meses direto, depois da morte do meu filho. Foi um sufoco. Tomei muito remédio que eles me obrigavam a tomar, e eu nunca gostei de tomar remédio, pra nada.

- Quem te passou o remédio?

- Nessa época o Dr. Joaquim me passou remédio, na época. Por causa da perda do meu filho. Eu falei, eu não quero tomar gente. Eu não tô com problema de nervo, não tenho problema de nada, eu só tenho que ficar num lugar mais tranquilo pra me recuperar desse susto, morrer um filho na sua mão! Uma pessoa que você sabia que tava perfeito, nasceu perfeito, três meses e quinze dias depois morre no seu colo. Por covardia dos outros! Ô gente, não tem mãe que aguenta isso não, uai. Aí eles me obrigaram a tomar remédio. Uns dois, três meses, eu tomei. Mas eu ficava com sono demais, eu ficava mole, não lembrava de nada direito. Aí depois eu fingia que tava tomando e parei de tomar sabe, não tomava mais não.

- Que remédio que era?

- Era Diazepan, essas coisas pesadas. Mandando eu tomar aquilo, sem querer. Me dava uma bambeza, me dava uma agonia por dentro, aquele negócio esquisito, aí eu tive que parar de

tomar, eu parei por minha conta. Ninguém sabia que eu tinha parado mais. Aí quando me levava pro Dr. Joaquim, me perguntava se eu tava bem, eu falava, nossa, eu tô ótima. Tô tomando direitinho. Tinha jogado tudo fora. Tomava não.

- Seu marido sabia que você não tomava o remédio?

- Depois eu passei a falar com ele. Ele não me obrigava não, porque sabia que eu não gostava. Parei mesmo, não tomei mais. Também não tive problema não. Só tive problema de ficar esses oito meses tendo esses apagão. Eu dava aquele apagão, não sabia onde que eu tava, quem era eu, quem era o outro. Sabia de nada. Quando eu voltava assim, eu tava bobinha. Dava, passava aquela meia hora, voltava. Mas eu não podia sair de casa, não podia ficar longe de ninguém. Porque de repente tinha medo de dar aquilo e alguém até se aproveitar na situação.

- Você acha que foi o tempo também, que foi te ajudando?

- O tempo que foi me curando. Graças a Deus. Deus e o tempo.

- E ter que cuidar dos meninos também né...

- E ter que cuidar dos outros. Foi desse jeito.

- E os meninos estudaram?

- Meus filhos estudou. O José Augusto não quis estudar muito, nem o Fabiano. Mas estudou um tanto assim, que do jeito que eles pensam, dá pra eles levar, mas não tá dando muito mais não. Porque José Augusto parou na sétima série. Fabiano foi até o primeiro só e não quis estudar mais. Fabiano é garçom, é jardineiro. O José Augusto trabalha no Bahamas mas é também jardineiro. Mas só que tem que estudar mais. Ele não quis.

- Nenhum deles teve essa vontade de estudar que você tinha.

- Não, não puxaram. As minhas duas meninas, estudou, foi até o terceiro ano, formou, tem vários cursos. E a irmã de Jose que eu acabei de criar, também formou no terceiro ano. Na época ela queria parar de estudar, eu briguei muito, não deixei ela parar. E quando ela formou ela disse, ô madrinha, obrigada viu, que se não fosse a senhora eu não tinha estudado. Eu briguei com eles mesmo, vocês não vão parar de jeito nenhum. Eu não tive a oportunidade, vocês tem e vão jogar fora? Aí Deus ajudou que as meninas chegaram bem. Mas o homens, os três homens não quiseram não. Eles não gostavam muito de ir pra aula não.

- Com que idade eles começaram a frequentar as aulas?

- Seis anos. Tinha uma escolinha ali embaixo, no tico-tico, na Violeira. A mesma que eu estudei. Chama Escola Estadual José Lopes Valente Sobrinho. Aí minha filha, só sei que todo mundo estudou na mesma escola. Só que quando eu estudei era um grupinho pequenininho, e hoje tá bem ampliado, tipo um colégio grandão. Várias salas, vários professores e professoras, vários estagiários da Universidade passa lá... hoje tá diferente.

- Seus filhos estão com que idade agora?

- O José Augusto tem vinte e oito, que é o mais velho. Emília e Maria Emília, vinte e seis. Fabiano, vinte e cinco. E a Marilene, que eu acabei de criar, vinte e seis. E o Arlindo que eu ajudei a criar também tá com vinte e sete.

- Ajudou a criar?

- É, que a mãe morreu e deixou eles pra mim. Era minha cunhada, irmã do meu marido. Ela deu derrame, morreu novinha. Era uma cunhada mais velha. Aí os meninos vieram pra cá, ajudei a criar. Marilene tava com dez, virando pros onze anos. Agora tá com vinte e dois. E o Arlindo antes da mãe dele morrer já ficava muito aqui em casa.

- Você tinha quantos anos quando eles vieram?

- Eu já tava com uns vinte e oito anos, por aí.

- Você já tinha experiência de ter filho né.

- Tava, tava. É uai. É muita luta, boba. Graças a Deus.

- E esse pessoal todo mora aqui?

- Morava, todo mundo junto. Agora só mora o José Augusto, a Maria Emília, Marilene, eu e meu marido.

- E essa aqui, você e seu marido que fizeram?

- Foi. Foi uma luta. Trabalhei cinco anos em casa de família e ele trabalhando direto também em outros lugares e dinheiro nós juntava pra fazer a casa. Era doida pra fazer uma casa de laje, mas não tinha condição. Ele trabalhava de servente de pedreiro, ele que fazia a massa, e aí era assim.

- E isso aí foi bem depois dos meninos nascerem?

- Foi, eles já tavam grandinhos. As meninas tavam com oito anos, Fabiano com sete e José Augusto com dez. A gente antes tava morando naquela casinha de sapé. Depois que José Augusto nasceu a gente saiu da casa da mãe do meu marido e fomos morar em outra casa. E ficamos um tempão nessa casa, até depois construir essa. Tá arrumando aos poucos, até hoje.

- E sobre a sua relação com a comunidade, como é?

- Ah graças a Deus é muito boa. Porque eu tenho uma relação boa com todo mundo né. Não tenho inimigo não. Se tem alguém que não gosta de mim, não sei explicar porque. Mas pra mim todo mundo tá bom. E aqui todo mundo conhece todo mundo, todo mundo sabe quem é, onde tá.

- E você já me falou que a sua bisavó ajudou a fundar o Buieié. Como é essa história?

- Foi ela. Ela era parteira, ela que apoiava as pessoas. E a minha avó pegou a profissão dela de parteira também, ajudou muitas mulheres. A minha bisavó foi uma das que iniciou. Porque esse terreno que hoje a gente conhece aqui, a minha bisavó, e as amigas dela, ganharam de fazendeiro. Foi terra que fazendeiro doou pra elas pelo que elas fazia para eles. Como recompensa pela temporada que ajudou, que cuidou, elas ganhavam a terra. E aí ficava pra família inteira, pros descendentes. Então foi isso. Então foram pessoas que fundaram a comunidade.

- E elas queriam a terra mesmo?

- Queriam a terra. Pra comunidade ficar toda ali, com as família unidas, pra não ficar longe um do outro. Então pra elas foi uma vantagem muito grande ganhar terra.

- E você tá falando elas. Eram apenas mulheres?

- As mulheres antigas. Igual minha bisavó, as amigas do tempo dela, a minha avó que é filha que depois veio. E tem uma história muito importante da minha bisavó, que todos os filhos que ela teve, foram doze partos, gêmeos. Era vinte e quatro filhos. Era essa minha bisavó. É uma história muito bonita. Ela era parteira e depois ela mesma conduzia as pessoas pra fazer o parto dela. Olha pra você ver que bonito. É uai, é muito lindo isso.

- Mas como assim conduzia?

- Porque as pessoas às vezes não sabia fazer. E ela ensina o procedimento, como cortar o umbigo, ela tinha essa coragem. Muita gente nasceu na mão dela. Ela tinha esse jeito bonito de viver. E tinha as companheiras dela, que uma ia treinando as outras o jeito certo de fazer parto.

- Qual era o nome da sua bisavó?

- Isabel Ferreira.

- E foram mulheres que fundaram?

- Foram, uai. Era o que minha avó e minha bisavó contavam. Mulheres do tempo dela. Acho que é mais pelas mulheres. Minha bisavó morreu com 135 anos, lúcida como se não tivesse idade. Morreu de velha mesmo. Não de doença. Foi a coisa mais linda. E uma pele, que você não falava que ela era velha. Uma negona, sabe. Uma pessoa maravilhosa. Muito preocupada com os netos, bisnetos, lúcida. Ela sempre preocupava se a gente tava alimentado, se a gente tava bem, como que tava. Ela não era daquelas que desmazelava não. Uma coisa muito bonita.

- E ela falava então que tinha homens e mulheres que trabalhavam na fazenda, mas as mulheres que se preocupavam em ter a terra?

- Foi pelas mulheres que os homens adquiriram terra. Porque as mulheres ganhavam pelo esforço que faziam, e aí ficava sendo do homem e da mulher, mas o esforço era das mulheres. Elas que eram parteiras. Aí elas iam pra casa do fazendeiro apoiar as mulheres deles que iam ter filho. Aí fazia o parto, ficava um, dois, três meses. E aí como recompensa, ganhava a terra. E pelas mulheres que ia crescendo o Buieieí. Até onde minha bisavó e minha avó contou, o esforço maior era das mulheres. A gente não vê tanto falar assim, ah, fulano, homem, trabalhou tanto e o outro lá deu pra ele uma terra. Não, era sempre assim, porque quando minha mulher ia ter filho, a fulana vai pra lá e fica um, dois, três meses, ela não importa o tempo que vai ficar com a gente, até o menino ficar mesmo bom e a gente ter mais tranquilidade. Então foi pelas mulheres que os homens foram conquistando espaço de ter terra boa. Então as mulheres achavam que elas ganhavam, mas quem tinha que ser dono era os homens. Mas foi pelas mulheres que veio a independência de muitos homens. Porque os homens trabalhavam também, mas não com esse esforço todo que as mulheres fazia, né. Quem é o homem pra trabalhar com outro e ficar três meses direto com outro, só em troca de terra naquela época? Eles queriam é dinheiro, uma coisa mais rápida. E as mulheres não, as

mulheres ficavam preocupando na hora que eu voltar pra casa, carregando aquele balaio na cabeça né, cheio de coisa, eu vou voltar com muita coisa pra casa. E também quando eu precisar eles vão me apoiar. Então pensava nisso, não pensava em dinheiro. E os homens queriam uma coisa mais de imediato. E as mulheres preocupavam em estar ajudando e receber ajuda. Só que essa ajuda vinha além do que elas esperavam, que era terra pra morar, independência pra família. Olha pra você ver, não é bom?

- Muito legal. Eu não sabia disso não. E a sua avó te contava história sobre esse começo?

- Ah ela contava. Tem uma história bonita que minha avó e minha bisavó contava das rezas que tinha pela estrada afora na véspera de quaresma, o pessoal tinha medo de lobisomem e mula sem cabeça. Aí ia rezando, uma turma bebia, e ia rezar bêbado. E ficava aquela marmotagem pela estrada afora. E tinha aquela matraca que batia, que fazia barulho, diz que é pra espantar lobisomem e as mulas sem cabeça. Aí quando um senhor tirava a reza lá na frente, a outra respondia com bobagem lá atrás. Ficava bem bêbado, e aí respondia. E todo mundo dava risada demais. E tinha também, na época delas, tinha um baile que as mulheres se vestiam tudo de vestido de chita e diz que chamava baile da chita. Era o baile mais lindo que tinha na comunidade. As mulheres de chapéu, vestido de chita bem comprido, e os homens vestidos de coisa todo remendadinho, remendo né. E eles ficavam a semana inteira fazendo aquele baile bonito. Isso aí a minha avó que contou. Eu tinha até vontade de resgatar isso aí de volta pra comunidade, isso é bonito demais. A quadrilha, esse baile de chita, a festa da colheita de milho verde, essas coisas, tudo eles fazia pra poder comemorar. Essas coisas da roça. Muito sanfoneiro, muita coisa bonita.

- Isso aí a sua bisavó que contava?

- Minha bisavó e minha avó, filha dela, que contava pra gente. Até meu pai apanhou um bocado disso. Ele era tocador de violão e ia muito nessas festas de chita. Esse baile da chita durava uma semana inteira, mas ninguém perdia um dia de serviço. Dançava até de manhã, chegava, lavava o rosto, tomava café, enxada no ombro e ia pra roça. De noite, voltava pro baile da chita. Semana inteira, mas ninguém perdia serviços por isso. Eu era pequena, eu via as mulheres vestidas indo pro baile da chita, mas não entendia muito não. Aí mãe falava, já vai dançar, olha lá, baile da chita. E a gente via aqueles vestidos passando, tinha umas gorda bonita, parecendo baiana, mas era bonito demais meu Deus.

- E o que tocava?

- Sanfona, forró mesmo dessa gente antiga, sabe. Esse forró bruto mesmo. Era bonito demais. Mas mãe nunca gostou não, mãe não era daqui né. Ela nasceu no Vale do Sol e foi criada em Rio Pomba. Veio pra cá por causa do meu pai. O pai dela era de Viçosa e a mãe de Rio Pomba. Ela conheceu meu pai lá na cidade e veio pra cá. Ele é que é daqui. Ele é que era filho da minha avó, Dona Joanelha, Joana Raimunda Ferreira, que é filha de Dona Isabel dos Santos.

- Quando a sua bisavó morreu você tinha quantos anos?

- Ah, eu só sei que eu era bem pequenininha, eu tinha quatro anos. Nossa, eu tenho uma saudade dela.

- O que você recorda dela?

- O carinho, de botar a gente no colo, ir passando a mão, até dormir, aquela coisa boa. Olha pra você ver, eu tinha quatro anos, e lembro dela me pegando, e me dando aqueles afagos pra dormir. Eu lembro disso tudo.

- Ela te contava história?

- Contava demais.

- Histórias de que?

- Ela gostava de contar do boi de cara preta. Ela ficava contando, e inventando, e falando e falando. Mas essa daí eu não lembro muito bem não, só sei que lá no final ela me fazia muito medo. Que o boi da cara preta chegava e se eu não dormisse ele me pegava e vapt [risada]. Eu tinha medo, e dormia.

- Ela cantava também?

- Cantava, ela gostava muito de cantar.

- O que ela cantava?

- Ela cantava essas músicas essas músicas da época né, e do boi da cara preta, ela cantava bastante e falava, dorme que ele vem te pegar.

- Aí dormia logo.

- Aí dormia [risada]. Ah, mas era muito bom.

- E da sua avó, o que você lembra?

- Essa aí quando morreu eu já tava grávida do meu primeiro filho. Ela morreu em fevereiro, ele nasceu em setembro. E quem cuidou de mim muito foi ela, com minha mãe, meu pai, minha avó. E depois eu fui cuidar dela, que ela ficou muito ruim, com aquele câncer terrível, que come por fora. E ela morreu com eu cuidando dela. E aí acabou tudo. Acabou a esperança, que minha avó era muito boa pra mim.

- E a sua bisavó era de onde?

- Sabe que eu não sei... Eles nunca falaram. Do que eu sei era que todo mundo era daqui, daqui mesmo, mas de onde veio pra cá aí não sei. Mas diziam eles que eram daqui mesmo.

- A comunidade do Buieie é um remanescente quilombola?

- É. Isso aí a minha bisavó falava. Só que, assim, não sei. Porque eles fala isso. Eles ainda falavam assim, não falavam remanescente. Eles falavam: nós somos mascenente de quilombo [risada]. Aí eu não entendia isso, que era pequena né. Aí eu perguntava pra minha avó, a gente chamava ela de madrinha, ô madrinha, mas o que é mascenente de quilombo? Aí ela falava, não minha filha, é que é dos negros, da África, lá de longe.

- Aí te atrapalhava mais ainda né [risada].

- Aí eu falava, ah, não sei de mais nada. Aí pronto. Só isso que eles falava. Mas que é, é. Remanescente de quilombo. Só que não era reconhecido, não era reconhecido né como uma área quilombola. Agora vai ter uns documentos né, que vai legalizar direitinho. Pra gente tentar organizar alguma área de lazer pras crianças e os adolescentes. Mas isso do remanescente quilombola é que nós somos afrodescendentes. Nós não somos daqui não. Nós viemos de outro lugar, pra cá. A nossa origem é essa.

- Cidinha, o que é ser mulher? A vida da mulher é diferente da vida do homem?

- Nesse tempo que a gente tá vivendo agora, tem bastante coisa que mudou né. Mas a gente ainda sente que a nossa vida é bem diferente da do homem. Muito sacrificosa. Mais trabalhosa que a vida dos homens. Tem uns homens que quer cobrar da gente aquilo que eles mesmos tem que fazer, então acho que tem muita diferença.

- Você já sentiu preconceito por ser do Buieie?

- A gente sente sim, principalmente quando a gente chega lá, na prefeitura, pra pedir recursos pra comunidade, e o prefeito chegar até a esconder da gente. Aí é meio difícil. A gente sabe que é preconceito, e é até desprezo, da pessoa que tá com o poder na mão e não quer fazer nada pra nós. E por outro lado, quando chega lá na rua, e alguém já conhece a fama de muitas pessoas do Buieié, que não são só coisas boas... Não tem só coisas boas na comunidade, a gente sabe disso. Mas aí já falam: Ih, é lá do Buieié... Pesou! Ou seja, é um preconceito que a gente sempre enfrenta, mas eu nunca dei ligação, dei importância pra isso não. Porque se a gente for se preocupar com esse tipo de coisa, a gente nunca vai correr atrás dos objetivos que a gente tem. E precisa alcançar, né. Então, não dou muita atenção pra isso não.

- Viçosa vê o Buieié?

Ih, eles não vê é nada! Quando tá chegando o tempo das eleições, pra eles poder correr atrás de novos candidatos, aí eles corre pro Buieié, pra pedir apoio pra votos, e pedir apoio pra gente fazer campanha... Aí eles acham o Buieié, fácil. Mas depois que todo mundo já lá no seu poder né, que já alcançou o que queria, a gente vai procurar e nem encontra as pessoas. Desse jeito.

- E por ser negra, você já sentiu preconceito por parte dos outros?

- Demais da conta. Muito, muito, muito mesmo. Nem tem conta. Já fui muito rejeitada como negra, trabalhando em casa de família. E tipo, a gente tá numa festa, trabalhando numa festa de pessoas rica e branca. E já chegou a ponto de eu tá servindo e a dona da casa falar, não, me dá essa bandeja que isso aqui não é pra você fazer não. Esses aqui são meus convidados você não tem capacidade pra isso. Aquilo ali me doeu demais. Nossa, eu saí da festa chorando e vim embora. Eu tava com dezesseis anos. Toda vida eu trabalhei muito. Aí depois, continuei servindo assim mesmo, nessa noite. Ela tornou a voltar e falar comigo que eu não tinha capacidade nem pra abrir a porta do banheiro pra uma convidada dela que era muito rica na cidade. Nossa, foi outra facada que ela me deu. Aquele dia eu não queria nem trabalhar mais pros outros, de tanta vergonha. E depois ela voltou e falou que tudo isso era porque eu era negra. Aí eu falei, tá bom né, negro também tem seus valor. E continuei meu serviço, fiz o que tinha que fazer, que eles me chamaram pra isso, e fui embora depois.

- Para você, ainda é grande a discriminação contra negros no Brasil?

- Ainda existe isso aí, ainda tá existindo. Já diminuiu muito, mas ainda falta muita coisa pra chegar no ponto certo. Porque ainda existe preconceito contra nós, negros.

- Por que você acha que ainda existe isso?

- Porque de muitas vezes quando eles vê um negro, tipo, na Universidade, ou já passou, tá lá trabalhando. Muita gente não dá valor praquele negro que tá aí. A gente continua a ver isso. Ainda tem.

- Você acha que por você ser mulher e negra, é diferente o tratamento que recebe?

- Ô Cibelih, hoje eu não vejo com esse olhar não. Que Graças a Deus, o meu jeito de ver hoje, e das pessoas me ver, mudou muito. Graças a Deus. Eu chego lá em Viçosa, todo mundo que me conhece, me respeita, sabe da minha vida. Eu acho que mudou bastante. Pra mim eu não vejo desse jeito mais não. Hoje, né. Mas antes já vi muita coisa assim. Eu não posso falar mais assim de mim, das pessoas fazer contra mim ou contra minha família. Graças a Deus, não.

- Como você diria que foi sua trajetória de vida?

- Tudo que passei? Complicado. Eu digo que foi uma fase de experiência, na qual eu aprendi muito, e cresci também diante de tudo que aconteceu, né. Porque eu não tinha experiência nenhuma e aprendi muito com essa dureza toda que eu enfrentei, graças a Deus. Eu agradeço a Deus por isso.

- O que você aprendeu de mais valioso dessa trajetória?

De mais valioso, foi que eu tinha que ter muita responsabilidade, que a partir de então eu tinha várias vidas na minha mão, que eram meus filhos. Eu tinha que ser responsável pela educação, e conduzir eles no caminho certo, com minha dificuldade nisso tudo. Então, graças a Deus, nunca deixei meus filhos jogados, nem nunca joguei eles pra ninguém. Igual te falei, já passei até fome com meus filhos. Mas nunca joguei nenhum deles fora. Foi muito difícil. Além de criar os quatro, criei um monte de sobrinho, uns mora comigo até hoje. Então não foi fácil. Mas me deu uma bagagem boa, e hoje eu tenho uma bagagem boa pra passar pra eles. E se eu vejo esses meus filhos, ou filhos adotivos, fazendo coisa errada, eu tenho como cobrar. Porque eu nunca deixei a desejar exemplo pra eles. Então, graças a Deus, foi a base. Pra mim foi a base.

ANEXO 3 - Entrevista: Jéssica, 22.

Realizada às 13 horas do dia 11 de dezembro de 2013, na casa de Jéssica Rita Ferreira, no Buiéié. Viçosa, Minas Gerais.

- Qual é o seu nome completo?

- Jéssica Rita Ferreira.

- Você nasceu aqui mesmo no Buiéié?

- Nascida e criada no Buiéié.

- Qual é o nome dos seus pais?

- Da minha mãe é Vanusa Ferreira. Eu não sou registada no nome do meu pai. Mas é Claudio Oliveira.

- Você conhece ele?

- Conheço. Ele mora na comunidade.

- E a sua mãe, mora com você?

- Ela tem a casa dela. Mas mora aqui embaixo. Criou e tudo.

- Você tem quantos irmãos?

- Quatro, comigo. São três irmãos.

- Você é a mais velha?

- Não, tenho um irmão que é mais velho. Ele mora em Silvestre.

- Em qual casa você passou a sua infância?

- Então, minha mãe morava numa casa de barro né. Era aquela casa feita de pau a pique, de barro. A situação era bem precária né. Agora, hoje em dia, deu uma melhorada. Então toda a vida eu morei com a minha mãe. Aí depois eu tive meus filhos aí eu acabei construindo essa casa aqui. Aí mora eu, meus filhos, e dois irmãos que moram comigo também.

- Aí vocês vieram morar aqui nessa casa?

- É, nessa casa. A gente morava na casa de barro né. Aí não tinha condição. Quase todo mundo da comunidade morava na casinha de barro. Agora que a situação melhorou bastante.

- É, me falaram que agora já nem tem mais casa de sapé.

- É, não tem mais casinha de barro, mas a comunidade toda era assim. Agora que melhorou.

- E essa casa aqui você que construiu?

- Então, a gente construiu, mas teve uma ajuda da prefeitura. Sozinha, não.

- E o que você lembra da sua infância, quando você era pequena?

- Ah, eu lembro muita coisa. Não tinha muito brinquedo. Eu gostava de brincar de boneca de milho. Eu que fazia, brincava muito. E tinha uma galera, de crianças, que a gente brincava junto. Brincava muito de barro também, fazer casinha de barro, panelinha de barro.

- A sua mãe trabalhava em que?

- Toda vida ela trabalhou de doméstica. Na roça, apanhando café, ajudando a apanhar milho.

- E o seu pai?

- Meu pai é pedreiro, mas ele nunca, a gente nunca teve contato com ele. Ele nunca deu uma renda fixa, não tinha condição de ajudar minha mãe na época dele. A chefe de casa sempre foi minha mãe.

- E você se lembra de pequena ver a sua mãe conduzindo a família?

- É, minha mãe. Preocupada com a família, com o que vai por na mesa. Isso sempre minha mãe. Muito forte. Porque somos quatro irmãos, mas nem todo mundo é do mesmo pai. E ela criou todo mundo sem a ajuda de nenhum dos pais. E nunca foi na justiça, nunca pediu uma pensão, nunca. Ela sempre foi ela mesma que fez tudo. Ela que deu a comida, deu a roupa, deu a casa, a educação. Ela era o porto seguro da família. A mãe e o pai.

- Você estudou na escolinha do Tico-tico também?

- Estudei, fiz até a quarta série. Depois eu fui pra rua né, fiz lá até a quinta. Aí eu parei de estudar, voltei agora.

- Lá na cidade qual era?

- No CASB. Mas aí eu parei de estudar. Minha filha queimou, fiquei com medo. Aí fiquei mais de seis anos sem estudar, resolvi voltar este ano.

- Ela teve um acidente?

- Ela queimou com vasilha de água. Ela puxou do fogão. Graças a Deus não tem marca nenhuma né. Mas eu fiquei com medo de deixar as crianças assim para eu poder estudar. Aí fiquei sem estudar, resolvi voltar esse ano.

- Qual era a idade dela?

- Ela queimou com uns dois aninhos. Aquela fase que estava andando, fazendo bagunça. Aí na casa da minha mãe era fogão a lenha, ela puxou a vasilha de água. E naquela época era bem difícil também porque não tinha chuveiro, não tinha nada, então esquentava a água pra tomar banho em balde, sabe. Foi uma vasilha pra água quente assim que a Jeniffer puxou.

- Você tem dois filhos?

- Tenho, um casal.

- Qual é o nome deles?

- Jefferson e Jennifer.

- Qual a idade?

- Ela tem seis. E ele tem um ano.

- E você gostava de estudar?

- Ah, eu gostava. Eu era bem animada com a escola. Aí depois eu parei, dei prioridade pros meus filhos né. Não sei se foi o certo, não né. Mas dei prioridade pra eles. E agora resolvi voltar a estudar.

- Agora que ela já tá mais grandinha né.

- É.

- E você tem vontade de estudar o que?

- Ah eu quero cursar Direito. Ou Direito ou então Agronomia. E é desde infância, assim, eu penso que eu quero cursar Direito. Gosto muito.

- Desde criança você gostava da ideia?

- É.

- Com quantos anos você teve a Jennifer?

- Eu tinha quinze anos quando tive ela. Bem nova né.

- E foi aquele susto?

- Foi, foi um susto. Uma criança cuidando de outra, praticamente, né. Tudo novo. Abria a mão de muita coisa. Porque querendo ou não você para de viver sua vida e vai viver vida de mãe, você tem que dar exemplo. Mas é muito difícil. Sei lá, não aconselho ninguém de ter filho muito nova. Não arrependo dos meus, mas acho que tem que ter hora certa. Criança exige um conforto maior, tempo, educação. Então começar novo demais eu não aconselho não.

- O que você lembra da sua infância?

- Ah, muita coisa. Eu brincava de bandeirinha, peteca, bola.

- Você também ajudava sua mãe na casa?

- Ajudava. Sempre ajudei. Eu e meu irmão dividíamos a tarefa da casa. São quatro filhos, eu e mais três. Eu e o mais velhos ajudava muito. Ajudava a dar uma olhada nos meninos, arrumar a casa, sempre dividia. Não coisa de cozinha, fogão, não. Mas o mais tranquilo, arrumar a casa, a gente ajudava.

- Mais pesado, não?

- Não, já apanhei café, novo. Pra ajudar na renda de casa. Minha mãe nunca obrigou a gente a fazer isso, mas era um jeito de ajudar. Porque a gente ia ficar ali de boa? A gente ainda era criança mas já sabia que se ajudasse ia ajudar na renda.

- E vocês viam que ela precisava de ajuda também né?

- Via que ela precisava. Porque não tinha como ela fazer tudo sozinha. Ela podia por comida na casa, mas era quatro filhos, quatro sapatos, quatro calças, quatro blusas, entendeu? Então era bem mais difícil.

- E você que teve a iniciativa de ajudar?

- É. Tive a iniciativa.

- Você tinha quantos anos?

- Ah, uns dez, doze anos. E até hoje acontece bem isso, porque não é toda família que trabalha registrado, tem uma condição legal de dar uma condição melhor. Nem toda família tem isso. Meu filho come fruta todos os dias, toma iogurte todos os dias, e não é assim que acontece. Porque a realidade é bem diferente. A época que a comunidade ganha uma renda bacana é a época da colheita de café, que vem agora, colheita de lichia... Dá pra ganhar uma grana. Mas tem época que a situação é preta. Ninguém passa fome, todo mundo tem o que comer, graças a Deus. Mas é difícil. Eu não vou falar que eu dou uma fruta, um leite pro meu filho tomar todos os dias. É mentira. Nem nas melhores famílias. Tem dia que as coisas não é boa todos os dias.

- E o sustento das pessoas aqui é muito na rua né? De prestar serviço na rua...

- É, prestar serviço na rua. A maioria é doméstica. Muita pouca gente fala assim, eu ganho do que estudei. Entende? Eu estudei, formei, e ganho do meu sustento. Tem. Tem pessoas que estudou, chegaram lá, você entendeu. Mas a maioria das pessoas trabalha, de doméstica, faxineira, gari.

- Você chegou a trabalhar?

- Trabalhei, de doméstica. Quando eu tinha uns quatorze anos.

- Um pouquinho antes de você ter a Jennifer.

- É, aí eu trabalhava, fazia uma faxina. Depois que eu tive a Jennifer eu continuei trabalhando, aí eu trabalhei até ano passado. Agora eu tô desempregada. Tô tentando arrumar de novo. Tipo assim, faço uns bicos. Mas trabalhar fixamente não tô mais.

- E o pai dos meninos ajuda?

- Ajuda, dá assistência total pros meus filhos. Tipo assim, a gente resolveu separar, porque não deu certo. E ele ajuda. Paga pensão pros meninos, e o que precisar ele ajuda, um remédio pros meninos. A gente entrou em acordo, não fomos à justiça. A gente combinou, entramos

em acordo, entendeu. Aí ele paga pensão, se precisar de alguma coisa, um remédio pros meninos, ele ajuda.

- Ele é daqui da comunidade?

- Não, ele é de Pedra do Anta. Mas mora no Silvestre.

- Com quantos anos você começou a trabalhar?

- Ah, antes de ter meus filhos eu já trabalhava. Um ano antes de ter a Jeniffer. Aí teve uma época que minha mãe achou um emprego e foi trabalhar fora, e eu fiquei cuidando dos meus irmãos. Aí eu cheguei a apanhar café, ajudar dentro de casa também. Porque ou minha mãe ia trabalhar ou a família toda ficava no vermelho. Aí eu fiquei cuidando dos meus irmãos, o meu irmão mais velho foi pra São Paulo. Ficou só eu e meus irmãos mais novos. E até hoje eles moram comigo.

- E a sua mãe foi pra onde?

- Foi pra Belo Horizonte, trabalhar de doméstica.

- E ela ficou quanto tempo lá?

- Ah, ficou uns dois anos.

- E você ficou dos doze aos quatorze anos cuidando da família?

- É, fiquei de mãe da família. Depois eu fiquei de mãe de novo. E tô de mãe até hoje. Depois com quinze anos eu engravidei, tive minha filha quando ia fazer dezesseis.

- Qual é o nome dos seus irmãos?

- Aline e Diego. E o mais velho é Bruno.

- Você lembra o que você sentiu quando sua mãe foi embora?

- Ah, tipo assim, eu sabia que era necessidade. Mas também era muito compromisso né, pra mim. Era tudo muito novo. Ali tinha que ter atitude, porque eles não eram meus filhos mas eu era a mais velha da casa. Eu sabia que tinha necessidade de ela ir, mas foi muito difícil.

- Ela chegou a conversar com você?

- Conversou, lógico. Conversou sim. Tinha minha vó, que na época morava aqui. Minha vó dava assistência, quando minha mãe mandava dinheiro ela comprava as coisas, ajudava. Mas assim, eu fiquei com meus irmãos, aprendi a cozinhar, virei a chefe de casa. Lógico que tinha tanquinho pra lavar roupa, ela deixou tudo, pra não ficar aquele peso né. Mas foi difícil.

- E você lembra o que ela falou na conversa com você?

- Ah, tipo, ela falou que tinha que trabalhar porque não podia deixar a gente morrer de fome. Era a palavra que ela disse. Sabe. Ela não queria ir não, mas aqui não tinha emprego, ela ia fazer o que. E café é só em uma época do ano. O resto do ano vai fazer o quê, vai comer o quê, você entendeu. Agora não, agora tem Bolsa Família, muita coisa que ajuda por aí. Mas antes era mais difícil. Não tinha ajuda nenhuma do governo, não tinha nada. Aí ela tinha que abrir mão disso daí.

- E ela mandava de lá dinheiro pra vocês?

- Ela mandava, todos os meses.

- E você aprendeu a cozinhar?

- Antes dela ir ela já tinha me ensinado. Ela me ensinou a cozinhar, me ensinou a fazer as coisas. Ela sempre participou da nossa vida, sabe.

- Então o que foi mais diferente então é que você tinha que ser autoridade com seus irmãos?

- É. Sozinha. Falar pra eles: não pode fazer isso. Engraçado era isso né.

- E eles te respeitavam?

- Respeitavam, e respeitam até hoje.

- A relação entre vocês é boa?

- Sim, somos bem amigos. A gente se ajuda muito. Tanto que minha mãe hoje mora aí, ela tem a casa dela, e eles não moram com ela. Eles moram comigo. Acostumou, cê entendeu. A gente se respeita muito. Eu respeito eles pra eles me respeitarem também. Além de irmãos, somos bem amigos.

- Aí ela voltou dois anos depois e já foi pra outra casa, ou não?

- Não, aí ela ficou com a gente. Eu que quando engravidei da Jennifer fui morar na minha casa. Morei com o pai da Jennifer por seis anos. E depois eu separei.

- Nessa casa?

- Foi, aqui. A gente morou aqui seis anos. Minha mãe mora ali nos fundos. Ela tem a casa dela e essa é a minha casa. Aí eu morei com a minha mãe até construir. Quando a Jennifer nasceu eu já tava morando na minha casa. Aí meus irmãos moravam comigo. Depois não deu certo, seis anos depois não deu certo. Aí eu separei. E meus irmãos moram comigo até hoje.

- Quando você veio morar aqui eles vieram com você?

- Sim. Ficavam aqui, ficavam lá. Aí depois que eles ficaram definitivo. Tipo, ah, não quero ficar com mãe e pronto. Entendeu?

- E sua mãe mora sozinha?

- Mora, mora sozinha. Mas ela fica aqui, fica na casa dela... Ela namora né. Ela tem um namorado. Às vezes ele fica com ela também.

- Qual era o nome do seu ex?

- Toni. Antônio.

- Ele trabalhava em que?

- Ele era lavrador. Agora começou a trabalhar na Coca-Cola, de ajudante de caminhão, e trabalha lá até hoje.

- Você se lembra de algum caso da sua infância que te marcou?

- Ah, sei lá, assim. Uma coisa que me marcou foi quando eu era criança. Um homem aqui da comunidade, que tava bêbado já, foi andar naquela pontezinha de madeira. Aí a correnteza levou ele, ele acabou morrendo. Eu tinha uns oito anos.

- Você conhecia ele?

- Conhecia, ele chamava Iaco. Ele era muito gente boa.

- Você era uma criança como? Mais animada, mais quietinha?

- Ah, acho que eu não era muito quietinha não. Era bem sapequinha mesmo.

- Seus filhos te puxaram?

- Ah, eu acho que um pouquinho só. O Jefferson é mais bagunceiro, a Jennifer é mais tranquila. Eles são o oposto um do outro, sabe. Mas, tipo, ela gosta de estudar, ele gosta de bagunçar, eles tipo dão uma misturada assim. Entendeu? Mas eu acho que puxou um pouquinho sim. Eu vivia ralada né, ela também já tá.

- Mas você lembra de quando você era criança, quais sensações, quais medos você tinha?

- Ah, eu tinha medo de andar no escuro, eu tenho até hoje. Sonho? Sonho de estudar, lógico. E mais tarde formar a família. Agora, a família eu já formei, o estudo eu tô conquistando. Mas esse é meu sonho, formar, me tornar uma boa advogada.

- Qual é o seu plano de estudo agora?

- Ah sei lá, eu quero estudar, me formar, ter condição de formar meus filhos, dar um conforto legal pra eles. E de ajudar essa galera da comunidade aí, esses meninos a estudar, ser alguém, mudar a história de vida deles.

- Como você acha que podia fazer isso?

- Pô, estudar, e incentivar. Pra eles verem que eu conquistei e eles podem também, eles são capaz. Tipo, se precisar de alguma ajuda, eu já estudei, eu vou saber, vou ter um conhecimento, um contato melhor pra ajudar, cê entendeu. Tipo, metade desses meninos aí não conhece internet, não conhece nada. Tipo, eu acho que se a prefeitura quisesse junto com a comunidade teria como dar uma aula de computação pra esses meninos aí. Os meninos não tem acesso a nada, não tem onde brincar, o que fazer. A brincadeira deles é a mesma que a minha, de um tempo atrás. Vamos pôr aí de uns dez, quinze anos atrás. Não tem um lugar legal de jogar uma bola, um lazer pras crianças, não tem nada. Então, tipo assim, eu acho que se o governo, o prefeito da cidade investir mais nas crianças, teria retorno, com certeza, futuramente.

- Você acha que a prefeitura vê como o Buieié?

- Ah, ela não faz nada. Sinceramente, a prefeitura não faz nada. O único compromisso da prefeitura com o Buieié era, tipo assim, a estrada. E você pode ver que nem a estrada tá boa coisa. Tá legal, deu uma arrumadinha nela. Mas se o prefeito quisesse ele poderia fazer bem mais. Tipo assim, ele teria que ver com outros olhos a comunidade. Com vontade de acolher

mesmo as crianças, de ajudar a investir nelas. Porque ele investindo nas crianças, ele tá investindo na cidade. Que as crianças vai dar um retorno pra ele, vai crescer, vai estudar, vai ser alguém, você entendeu. Vai buscar renda, vai trazer renda pra dentro de Viçosa. Mas não, ele não vê nada. Como ele quer que a cidade cresce se ele não ensina, não ajuda, não resgata isso? Aí fica difícil.

- Essa escola aqui é até qual série?

- Até a quarta série. Aí a quinta séria já vai pra rua. Tipo, você pode ver que a escola é boa, dava pra dar uma equipada nela ali pra uma quinta até oitava série. Mas não, ele não faz nada. Aí as crianças sai dali, e a escola ali é boa. Na minha época a escola não era assim não. Você tava estudando e aí tinha uma goteirinha pingando. Hoje em dia deu uma arrumada né.

- Pra lá tem ônibus?

- Quando eu estudava, não. A gente ia a pé pra escola. E os meninos que estudavam na rua, eu me lembro que tinha um ônibus. Não, de primeiro a gente ia a pé também. E pegava um ônibus lá embaixo. Depois quando dava uma chuvinha, o ônibus não vinha. Por causa do barro.

- Quantos anos você tinha?

- Uns oito, nove anos. Eu lembro, lembro de indo a pé pra escola. Com um caderninho debaixo do braço, uma sacolinha. Eu lembro até hoje.

- Você ia sozinha ou com seus irmãos?

- Não, tinha uma galerona que ia. Aí as mães de vez em quando variava, umas levava. Aí tinha uns alunos que era mais grande, ou então a professora juntava, trazia, cê entendeu. Tipo, Marcinha, mora ali embaixo, ela vinha embora pra casa e a gente vinha junto com ela.

- E era de manhã?

- Ia de manhã e voltava à tarde.

- Que horas?

- Tipo, meio dia. A aula acabava onze e poucas, chegava em casa meio dia. E os meninos à tarde também era assim. Tipo assim, uma mãe levava, aí levava aquele monte. Depois outro

dia outra levava. Aí ia distribuindo assim. As mães acompanhavam. Sozinha, sozinha, eu nunca fui não.

- E você gostava da escola né?

- Gostava, gostava da escola. Gostava das professoras. E gosto de lá até hoje. A minha menina estuda lá na mesma escola. E são praticamente os mesmos professores que me davam aula, dão pra ela hoje em dia.

- De quais professores você lembra?

- Ah, eu gosto deles todos. Eu gosto da Maria, da Solange, do Nilton. Gosto de Marcinha. São bons professores. Tem paciência de ensinar, cê entendeu. Ensina com carinho. Eu me lembro de um dia que a Do Carmo, que é a supervisora da escola... Nesse dia eu fiz bem bagunça sabe, mas tipo, eu nunca me lembro dela ter se exaltado com algum aluno. Eu não tenho lembrança ruim da escola. Eu acho que se eu sou quem eu sou hoje, a maioria da minha vida eu aprendi lá. Eu aprendi lá as coisas.

- Além das disciplinas, o que eles te ensinaram?

- Ah, eles... Tudo deles era com amor. Eu nunca vi que, tipo assim, eles tavam sendo professor. Eles nunca foi professor. Eles foi amigo, companheiro, cê entendeu. São aquelas pessoas que tavam te ensinando a caminhar.

- Você se lembra de alguma coisa específica que eles falavam?

- Eu lembro que eu matava aula pra caramba, sabe. Aí eles me chamavam de turista. “Voltou, turista?”. “Jéssica, você tem que estudar, como é que você vai ser alguém na vida?”. Eles falavam, eu te ensino, mas quem tem que buscar é você. Eles me ensinavam bastante coisa, sabe. Tinham muita paciência comigo. E eu era rebelde.

- Mas naquela época seu sonho já era estudar Direito?

- Queria, queria. Não queria é estudar [riso]. Mas Direito eu queria.

- E de onde veio essa vontade de estudar Direito?

- Não, eu gosto da profissão. Acho que desde as novelas que eu via na infância, eu gosto sabe. Lá na escola toda a quinta-feira tem os alunos da cidade que dá o Pibid, né. A Cibele e o Davi. Aí, tipo assim, eu já gostava. E a aula que eu mais presto atenção é a aula deles.

- E como funciona essa aula?

- É toda quinta-feira. Eles dá uma aula de Direito. São alunos da UFV também. E tipo, eles falam da lei, do dever, toda semana eles programa, vão falar sobre o que. E fala sobre as drogas, leis, seus deveres, direitos, entendeu. É bem bacana a aula.

- Quando você conheceu?

- No meio do ano. Que eu comecei a estudar no meio do ano, semestral. Eu voltei agora pra escola. Aí cheguei lá, depois de muitos anos sem estudar, e comecei a ter aula de direito. E é bem bacana.

- Você voltou pra qual série?

- Sétima série. Parei seis anos e resolvi voltar agora. Me dei bem, passei, graças a Deus. Aí tem as aulas normais, e a aula do Pibid, que é tipo um reforço. E a aula é boa. É tipo uma troca de experiência. Eles falam da aula deles, perguntam sobre a gente, é uma conversa mesmo. Mas a aula é bem bacana, chama a atenção. Tem de Geografia, Português. É pra gente já ter uma noção de como é a profissão, do que é a UFV, das faltas, provas, essas coisas.

- Como é a relação entre UFV e a cidade?

- Eu acho que é boa, mas acho que deveria ter mais coisas, tipo o Pibid, que já é uma melhora. Porque tipo, você quer fazer uma faculdade mas o que é uma faculdade? Entendeu? A maioria das pessoas não sabe o que é lá, o que vai acontecer lá. Eu mesma tinha uma dúvida do caramba, o que será lá, será que os procedimentos são os mesmos? Acho que nisso aí ainda tá bem distante da cidade. Tipo, tem os cursinhos pré Enem, eu não sabia que tinha. Então é muita coisa que tem dentro da universidade que as pessoas não sabem. Só quando você chega lá que você vai saber.

- Tem uma distância né.

- Tem, muito grande. E eu acho que se é popular, deveria ser mais popular ainda.

- E sobre o projeto do Tambores do Buieí? Você gostava?

- Gostava. Eu era bem molecona mesmo, deveria ter uns nove anos. Foi quando eu comecei a ir na escola.

- E você tocava os tambores?

- Toquei, toquei até pouco tempo. Eu lembro que eu já tinha a Jennifer e ainda ia nos tambores, eu adorava os tambores. Tipo assim, o projeto evoluiu, e depois deu uma parada. Agora o pessoal tá com planos de voltar, mas não sei.

- E o que vocês faziam?

- Tudo. A gente ensaiava, a gente apresentava, entendeu. A gente conversava. Era uma distração. A comunidade não tinha nada, então a gente ia pros Tambores. Era bem bacana mesmo.

- Vocês apresentaram onde?

- Na Universidade de Viçosa. Chegamos a ir pra São Paulo, Belo Horizonte. A gente foi pra bastante lugar, foi muita coisa. Que ruim que acabou. Todo mundo gostava dos Tambores. Não faltava um nas apresentações! A comunidade abraçou o projeto mesmo. Falava que tinha um ensaio de tambor, todo mundo ia. As pessoas se sentiam bem, eram amigos. Tinha uma reunião, todo mundo ia, discutia o que tava faltando, o que o grupo precisava.

- Você já tinha tocado tambor antes?

- Não. Eu lembro que a gente começou com umas latas. E depois que foi ficando bom. A gente mesmo ia fazendo os instrumentos, foi melhorando. O Thyaga ensinava, a gente ia lá e fazia também. Reaproveitando as coisas né.

- E o que você acha da situação do Buieie atualmente?

- Ah, sei lá. Eu acho que já foi pior. Hoje em dia tá bom. Mas muitas coisas ainda podem melhorar.

- O que já foi pior? As casas, por exemplo?

- É, não tinha condição. As casinhas eram tudo ruim mesmo. Já tinha família passando muita necessidade, sabe. Hoje não. Hoje não tem uma família passando fome. Não tem. Mas muita coisa ainda precisa melhorar. Tipo, a comunidade não tem um esgoto. E você paga isso aí na conta de água. Você paga taxa de lixo e o lixo fica aí uma semana. Você pode ver, você andou isso aí tudo e não viu um contêiner na estrada. Lá embaixo tem, mas aqui em cima não tem. Então são coisas que fazem parte do direito da população do lugar e o prefeito não faz a parte dele. A maioria das casas tem fossa, quando as fossas enchem, qual era a do prefeito? Mandar um caminhão né. Mas não, as pessoas tem que fazer outra fossa. Então tem muita coisa aí que

o prefeito pode fazer, deve fazer, com certeza ele ganha verba pra fazer e não faz. O esgoto, cara, é sacanagem, pegar o esgoto e jogar no rio? A maioria dos esgotos aí vai pro rio, onde mais pode pôr? Não tem como fazer outro encanamento. E isso aí deveria ter.

- O que melhorou na comunidade?

- Acho que as casas, água tratada. Hoje tem água tratada. E luz elétrica. Antigamente era lamparina, vela, essas coisas. A luz já tem bem tempo que tem. Tem o que, uns oito anos. Água tem menos tempo, eu lembro quando furaram buracos aí pra pôr água.

- As famílias recorrem ao Programa do Bolsa Família?

- Recorrem, muitos ganham.

- E isso ajuda?

- Ajuda sim. Tipo, não dá uma renda pra comunidade, nem nada. Mas não deixa passar fome, que é o básico né. Ajuda, ajuda sim. Mas a maioria das pessoas na comunidade trabalha, a maioria na rua, outros fixamente na roça. Tipo, trabalha, mexe com capim, plantio, essas coisas. Mas eu acho que muita coisa não tem. Pra criançada, por exemplo. Tá de férias, não tem nada pras crianças fazer.

- Você conhece alguém aqui que estudou?

- A Celina, ela fez Economia Doméstica, formou. Tem o Julinho que tá formando em Direito, acho que forma esse ano.

- Isso é uma coisa recente né?

- É. Estudar mesmo, a galera nova tá buscando agora. Tá entendendo melhor a necessidade de estudar agora. Aos poucos.

- Você já ouviu falar que aqui é um remanescente quilombola?

- Então, eu fiquei sabendo disso há pouco tempo. Um cara falou isso pra mim. Foi quando eu pus luz aqui em casa, nossa, deu um trabalho com a Cemig. Eu precisava de documento de terra e não tinha nada. Aí eu fui procurar saber e o cara da Imatev falou, não, não tem nada disso não, lá é uma comunidade quilombola. Mas eu não quis mexer com isso não, paguei lá e fui embora. Mas eu não sabia o que era.

- Ninguém nunca tinha te falado?

- Nunca tinha me falado. E eu também não quis entender não, tava com pressa no dia.

- E você nunca ouviu falar do que é um quilombo?

- Não. Tipo, agora, estudando, que falaram que era tipo o Zumbi dos Palmares, essas coisas. Aí deu pra ter uma noção mais ou menos né. Mas a comunidade descendente de quilombo eu não sei, será que eram escravos que viveram antes de nós? Essas coisas? Poderia ser. A mais velha da comunidade era a dona Dedinha, aí ela falava que a mãe dela era escrava. Muitos estudantes entrevistaram ela, filmaram, gravaram. Mas eu não sei direito dessas coisas.

- A Cidinha que me contou que a avó dela foi uma das fundadoras daqui.

- É.

- Isso você já ouviu falar?

- Já, já ouvi falar. Mas até hoje eu me pergunto de onde veio o nome Buieié. Eu não sei de onde veio esse nome. E eu acho que muitos poucos sabem de onde veio esse nome. Eu não sei se era uma pessoa que era querida na cidade, e acabou falecendo e deu esse nome pra cá. Buieié, não sei.

- Você se lembra da Cidinha quando você era pequena?

- Lembro, ela é irmão do meu pai. Lembro muito dela. Eu tinha até mais apego a ela do que ao meu pai né. Tipo, a minha mãe nunca falou mal do meu pai, eu não lembro nunca dela falar, seu pai não presta. Ela mandava a gente respeitar ele.

- Você que percebia que tinha alguma coisa estranha?

- É. Tinha uma época que eu não respeitava de jeito nenhuma. Teve uma vez que alguém me perguntou, ô Jéssica, se seu pai te der um tapa o que você faz? Eu falei, dou outro nele! Minha mãe ouviu, ficou brava demais.

- Por que você tinha essa raiva dele?

- Ah, porque tipo assim, ele não tava presente. Eu via ele às vezes. As coisas eram bem difíceis, ele tinha outra família. Mas hoje em dia a gente se dá bem, conversa, ele é até bem

meu amigo. Eu era criançona também, era bem sapequinha. Eu fazia uma baguncinha, tinha pavio curto.

- Mas ao mesmo tempo você ajudava sua mãe também né?

- Ajudava, ajudava sim. Mas eu também não deixava de ser criança por isso não, fazia aquilo rapidinho e ia brincar [riso]. Entendeu?

- Aqui no Buieié tem mais pessoas negras né?

- É, a maioria das famílias é negros. Tem uns claros, de pele clara, mas é descendente de negros. Porque foi mudando. Deu uma misturada né. Mas a maioria é negra. Quase toda população.

- Você já sentiu algum preconceito por ser negra?

- Já, já sim. Na escola mesmo, quando a gente foi estudar, tinha uns meninos que ficavam assim, ah, Buieié fedendo. Mas a gente nem ligava. Isso nunca me atrapalhou, não atrapalhou meu psicológico em nada. Porque eu nunca vi a comunidade com esses olhos. Tipo, a comunidade é bem acolhedora. Então eu nunca vi desse jeito. Nunca liguei pro que os outros fala. Claro, tem coisa que falam e te magoa, te chateia, mas nunca me afetou não. Eu sempre quis mostrar que não é isso nada a comunidade. E até hoje, fala mal da comunidade, eu bato boca, eu brigo. Até hoje. Eu lembro de um dia que eu tava na rua e chegou um rapaz e começou a falar mal da comunidade, sabe. Ele não sabia que eu morava aqui não. Aí eu bati boca feio com ele. Ele foi bem racista, ele falou, ah, que o povo do Buieié é tudo preto sem dente. Nossa, eu fiquei bolada com ele. Eu fiz assim pra ele ó, olha a minha boca, eu tenho todos os meus dentes. E eu moro lá. E você quer saber, tem muita gente negra lá. Mas eu garanto pra você que você não deve valer um terço do que aquela população vale. Olha a sua cor pra você falar do outro. Porque, tipo assim, ele era negro também sabe. Fiquei chateada com aquilo. Ele não conhece a comunidade e vai julgar? Se ele conhecesse a comunidade era outra coisa. Lógico que todo lugar tem gente boa e gente ruim também. Todo lugar. E tipo, eu não posso julgar você pela aparência, eu tenho que conhecer quem é você antes.

- Você acha que existe racismo?

- Tem. Tipo assim, o pessoal aqui se respeita, se gosta. Mas tem gente que não conhece o lugar e quer julgar, quer fazer o povo de bobo. Hoje em dia deu uma melhorada até, antigamente era pior. Hoje em dia o povo tá mostrando que eles não é o que os outros falam.

Tá respondendo ao nível, à altura, você entendeu? Eu acho que tem que ser assim. Os outros vem, fala uma coisa e vai embora. Não é assim.

- Como foi a experiência de ser mãe?

- Ah, foi tudo muito novo. Foi uma experiência nova. Hoje em dia é mais tranquila, eu gosto. Nossa, mas de primeiro foi um choque. Eu nem sabia trocar uma fralda. E minha mãe não tava presente né. Mas eu aprendi, quando eu engravidei eu frequentava aquelas reuniões de grupo, lá na rua. Mas aqui também a gente via né, eu sabia, não ficava aquela coisa perfeitinha no começo não. Mas com o tempo melhorou. Quando eu fiquei de resguardo minhas primas mais velhas me ensinaram, aí eu aprendi. Tive ajuda. Mas foi mais sozinha. O umbigo dela quem curou foi minha avó. Eu ficava vendo como minha avó fazia, o que ela falava. Aí depois eu vim pra cá e eu que cuidava dela, sozinha.

- Com o que você se lembrava de ver sua vó fazer?

- É. Minha vó, minha mãe... Mas foi sozinha mesmo. Mas eu acho que foi bom, quando eu engravidei de novo, eu já sabia de tudo.

- Foi parto normal?

- Todos os dois, foi normal. Num hospital lá na rua. Mas eu acho que foi bem torturoso.

- Como foi?

- No da Jennifer, eu tomei quatorze pontos. Mas ainda foi tranquilo. Ela nasceu com três quilos e trezentos gramas e cinquenta centímetros. O Jefferson nasceu com três e duzentos, quarenta e nove centímetros. E no parto dele eu tomei dezesseis pontos. E foi torturoso. Eu achei que foi muita incompetência do médico. Ele me deixou sozinha. O Jefferson nasceu dentro da bolsa, minha bolsa não rompeu. Me rasgou toda! E minha avó procurava enfermeira, e não tinha ninguém. Me deixaram sozinha, sozinha mesmo. Não tinha uma enfermeira do meu lado. Foi só minha vó. E eu fiz o pré-natal! Fiz o pré-natal, o ultrassom, fiz todos os exames necessários. E pra ganhar foi uma tortura.

- O médico não estava lá?

- Tava, ele chegou pra mim e falou assim que era normal sentir aquela dor. Eu senti as dores do parto sozinha, meu filho nasceu praticamente sozinho. Ele foi lá só pra assinar pra ganhar como se ele tivesse feito o parto, sabe.

- Mas ele não acompanhou nada na hora?

- Não, ele não acompanhou e não mandou nenhuma enfermeira ficar comigo na sala. Quem ficou o tempo todo comigo foi minha avó. Eu lembro que eu tava deitada de lado. O médico chegou lá e me mandou deitar de lado com as pernas fechadas. Minha vó viu aquilo e falou, Jéssica, vira ao contrário, dieta de barriga pra cima e fica com as pernas abertas. Aí eu fiz força, e meu filho nasceu com o cordão umbilical enrolado no pescoço.

- Nossa, que sorte, podia ter dado algum problema.

- Sim. E ele foi um incompetente, que me deixou lá sozinha. Depois que ele cortou o cordão umbilical da criança, chamou outra médica, que eu não tava querendo nem ver a cara dele. Aí a médica tirou a minha placenta e aí que me levou lá na sala pra costurar. Eu perdi sangue pra caramba nesse dia. Me machucou muito. Eu acompanhei, fiz tudo que o médico pediu, pra na hora de chegar lá pra fazer o parto tranquilo eu ficar sozinha? Foi muita negligência do médico.

- E a sua avó que ajudou?

- A minha avó foi parteira! Ela que fez o parto da Aline, em casa. Aí por isso foi mais tranquilo. Mas tipo assim, e se minha avó não tivesse do lado? Então foi muita sacanagem. E não foi só eu que ele deixou sozinha não. Tinha muita mulher reclamando dele. Eu lembro que tinha uma moça que ele insistia pra fazer parto normal, mas era cesariana. Teve uma outra lá que o neném chegou a morrer. Então acho que, se ele não queria exercer a profissão, o que ele tava fazendo lá? O parto da Jennifer foi doído pra caramba, foi o primeiro, eu era nova, mas em momento nenhum o médico me deixou sozinha. O da Jennifer era tudo novo, era pra ser pior né. Mas foi um parto doído, mas super tranquilo. O médico tava do meu lado. Tinha as enfermeiras, todo o tempo conversando comigo, falando o que fazer, ensinando explicando. Foi doído mas foi tranquilo. Agora, o do Jefferson não, foi um parto todo bagunçado. Eu falei com a minha avó, não quero ter filho nunca mais. Eu fiquei com trauma. Chegar a um ponto do meu filho nascer dentro da bolsa?! Eu senti a bolsa romper nas minhas pernas, assim, eu senti. E cordãozinho no pescoço.

- Qual é o nome da sua avó?

- Maria. Maria Rita. Nossa Senhora, ela foi minha heroína naquele momento.

- Mãe da sua mãe?

- Mãe da minha mãe. E tipo, eu me lembro. Uma coisa que eu gosto muito dela é que no parto dos meus dois filhos foi ela quem foi comigo até o hospital. Nos dois. Foi ela quem acompanhou, ela quem ajudou. E eu acho também que eu tenho mais liberdade pra conversar disso aí com ela do que com a minha mãe. Porque toda a vida a gente conversou mais. Quando eu fiquei moça, foi pra ela que eu contei primeiro, você entendeu? Pra minha mãe eu tinha um pouquinho de vergonha, tipo, ai, o que ela vai falar? Minha vó não, toda vida a gente conversou muito, a gente foi bem amiga.

- Você falava pra sua avó dos seus namorados?

- Falava! Ela falava, menina, você toma juízo, menina. Falava dos meus namorados. Numa boa. E ela falava pra eu tomar cuidado. Minha mãe não, eu não falava nada, tinha medo dela brigar.

- Quando você soube que estava grávida foi pra sua vó que você contou primeiro?

- Falei pra minha avó. A primeira pessoa acho que foi a Cidinha, depois foi minha avó. Minha vó tomou um baque, ela falou, você tá nova, ah, você não vai ter esse filho. Depois que eu contei pra minha mãe.

- Sua avó tem quantos filhos?

-Ela tem quatro filhos. Três moças e um rapaz.

- Mas você se adaptou fácil a esse negócio de ser mãe?

- Me adaptei. Eu gosto. Toda a vida eu gostei muito de criança. Mas eu nunca quis uma pra mim não, não assim. Eu sabia que era muita responsabilidade. Mas me adaptei bem.

- O que você acha que é ser mulher? A vida da mulher é muito diferente?

- Ah, eu acho que assim... O que é ser mulher? É difícil. Porque a mulher, pra você ter noção, quando você tem uma filha. O primeiro brinquedo que dão é uma boneca, um joguinho de panela, um fogãozinho. Eu não dou isso pra minha filha de jeito nenhum! Por que pra um homem é uma bola, um carrinho... Pra menina não! Eu nunca dei um jogo de panelinha pra minha filha. Não me lembro de nunca ter dado uma boneca, nunca dei. Eu não. Já dei pra ela aquelas maquiagem infantil, aqueles brinquedinhos de menino também. Você não vê ninguém dando uma bola pra uma menina! Aqui em casa não tem disso não. Você pode ver, ela tá brincando de bola, ele também. Se ela tá brincando de boneca eu deixo ele brincar também.

Porque tipo assim, as tarefas aqui de casa a gente divide tudo igual. O meu irmão lava vasilha, meu irmão sabe cozinhar. Porque eles põe assim, ah, a menina vai cozinhar, a obrigação da casa é da menina, e o menino vai trabalhar. Não. Aqui em casa é igual. Vai trabalhar todo mundo, vai ajudar na casa todo mundo. Porque tipo assim, a mulher ela deixa de viver a vida dela pra viver a vida do filho, pra viver a vida do marido, cê entendeu? Eu já cansei de deixar de fazer uma coisa pra mim pra fazer pra outro. A mulher cede mais fácil. O difícil de ser mulher é isso, que você deixa de viver a sua vida pra viver a vida do outro. Você não vê um menino deixar de fazer alguma coisa pra outro. Eu duvido. E se você tem um filho, tem um pão, você deixa de comer o pão pro seu filho ter de comer. A mulher deixa de comer pra dar pro filho. A vida da mulher é mais em torno da família. O homem não, o homem pensa primeiro nele. E eu acho que tem hora que a mulher tem que pensar assim também, por que como você vai dar uma coisa que você não tem? Antes de você amar seu filho você tem que se amar primeiro. Como você vai passar um amor maternal pro filho se você não sabe o que é amor próprio? E você pode perguntar pra qualquer mulher, quem você ama mais, você ou seu filho? Ela vai responder, meu filho! Mas não tem como você amar mais seu filho se você não se amar não. Como você vai dar uma coisa que você não tem? Quando me perguntam isso eu respondo, ah, eu me amo eu, e amo meus filhos também.

- Pensar nessas coisas te motiva ainda mais a estudar?

- É. Pensar nisso assim me dá vontade de procurar melhor, de mostrar pra eles que uma mulher também é capaz. Você pode ver que hoje em dia você vê uma mulher dirigindo ônibus, vê uma mulher caminhoneira, se entrosando numa coisa que povo fala que é pra homem. Mas as mulheres tão mostrando que não é pra homem. Tem muito preconceito ainda. Tem homem que não admite que a esposa ganha mais que ele. E tem mulher que é mais inteligente, mais capaz, mas mesmo assim, o salário dela é bem menor. Então o preconceito ainda existe, e muito. Muita desigualdade. Eles não querem admitir que a mulher é capaz também. Eu me lembro quando eu era casada. Eu era mãe, eu era dona de casa, trabalhava fora, era companheira e era amiga, ainda era mulher. E meu marido chegava em casa do trabalho e já tava morto. Eu chegava em casa, eu lembro que eu pagava uma menina pra olhar a Jennifer mas eu não pedia ela pra fazer mais nada, só ficar por conta da criança. E era só meio período, a Jennifer estudava de tarde, ela ficava de manhã com a Jennifer, deixava o almoço pronto, dava almoço pra ela, dava banho, café, essas coisas, sabe. Aí eu chegava em casa morta do serviço, ainda ia ensinar a Jennifer a fazer dever, aí eu ia fazer janta. Eu

trabalhava de doméstica em casa. E chegava em casa e ainda ia fazer tudo aquilo, lavar roupa, arrumar a casa. E no final de semana, ficar com meus filhos. Então tipo assim eu ficava cansada, mas eu nunca falava ah, vou deixar de fazer isso porque tô cansada. No sábado eu chegava do serviço uma hora da tarde, trabalhava de doméstica, e mesmo assim eu saía com meus filhos. Mesmo cansada eu fazia as coisas, dava atenção pros meninos, brincava, saía. E ela chamava, ô pai, vamos brincar. E ele respondia, ah, tô cansado Jennifer. Então eu acho que a mulher não é fraca não, a mulher é bem mais forte que um homem. Não tem uma coisa que um homem pode fazer e uma mulher não pode.

- Você tirou isso do exemplo da sua mãe?

- Minha mãe trabalha muito. Ela não para de jeito nenhum. Ela é trabalhadora pra caramba. Eu acho que eu tirei da minha mãe, minha avó, muito trabalhadoras. Um exemplo bem delas. E eu não tenho essa coisa de ficar, ô, faz pra mim, faz pra mim. Eu prefiro eu mesma pegar e fazer. Toda vida eu fui assim.

- E o seu cabelo, é você quem faz a trancinha?

- É, eu faço em mim, faço na minha irmã. Faço nessa mulherada toda da comunidade.

- Você faz em todo mundo aí?

- É, eu faço.

- Quem te ensinou?

- Essas trancinhas ninguém me ensinou não. Eu pagava uma moça pra fazer em mim. Eu ia lá na rua pra ela fazer. Na época eu pagava acho que quarenta reais. Aí um dia eu queria sair e ela não tinha horário, aí eu pensei, ah, quer saber, eu mesma vou fazer esse negócio. Aí eu fiz uma vez, não ficou muito bom não sabe. Mas eu fiz outra vez, até acertar. De ver ela fazendo mesmo.

- E você gosta mesmo é da trancinha...

- Gosto. Eu não gosto de chapinha, essas coisas não. Estraga muito o cabelo. Eu faço a trancinha, acho mais bonito, mais natural. E aí faço em todo mundo aqui. E não tem negócio que é só as negrinhas não, as branquinhas também usa.

- E você cobra também?

- Cobro, mas eu não cobro caro igual a menina da rua cobrava não. Eu cobro o quanto a pessoa pode pagar. Quando eu tô de bobeira assim eu faço até de graça, tá entendendo.

- O que você conhece sobre a cultura afro-brasileira?

- Então, eu até peguei outro dia um livro na escola. Mas é mais infantil. Eu peguei pra Jennifer. Eu não lembro o nome do livro. Eu peguei pra ler pra ela, um dia desses. Mas tipo assim, tinha muita pouca coisa da África.

- O que você leva de lição pra vida?

- O respeito, a educação. Isso que eu aprendi. Assim, até os tapas que eu levei, pra mim foi bom. Eu não me arrependo de nenhum tapa que minha mãe me deu. Lógico que eu não repeti a mesma coisa nos meus filhos. O jeito de tratar as pessoas, independente da cor, raça, classe social. O jeito de tratar assim eu vou levar pra vida toda. Isso é uma coisa que tem que ter.

- E qual é seu maior sonho agora?

- Agora? Nesse momento, a minha prioridade é voltar pros estudos. Conquistar aquilo que eu quis um dia, parei e quero voltar e terminar. É isso aí. É vencer. Através do meu estudo, do meu conhecimento. Acho que conhecimento é a única coisa que ninguém te toma. O conhecimento é a única coisa que ninguém pode te tirar.